BOLSILIVRO

OESTE

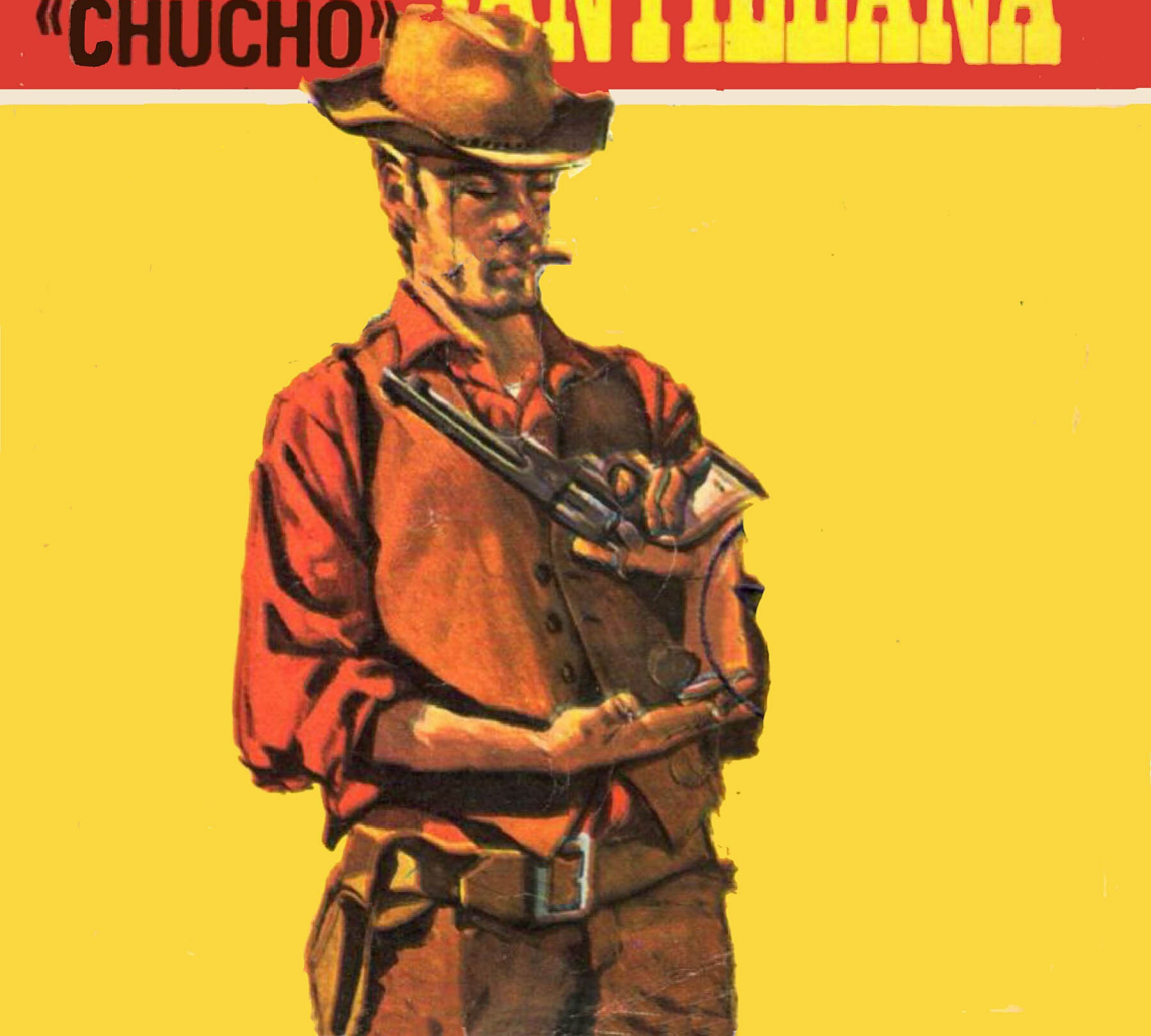
CALIBRE

Série Verde 50

Cr$15,00

AO COMANDO DA MORTE

MIGUEL "CHUCHO" SANTILLANA



CALIBRE

APRESENTA
UM BANG-BANG DE

MIGUEL "CHUCHO"
SANTILLANA

COLEÇÃO: CALIBRE SÉRIE VERDE

Próximo lançamento:
UM HOMEM E SEU COLT
Miguel "Chucho" Santillana

Pedidos pelo Reembolso Postal:
CEDIBRA — EDITORA BRASILEIRA LTDA.
Rua Filomena Nunes, 162
21.021 — RIO DE JANEIRO — RJ

MIGUEL "CHUCHO" SANTILLANA

AO COMANDO DA MORTE

Tradução de
Reynaldo Cravo

cedibra
Editora Brasileira Limitada

Título original:
MATANDO ASESINOS

Copyright © MCMLXXIX CEDIBRA — EDITORA BRASILEIRA LTDA.
Direitos exclusivos.
Rua Filomena Nunes, 162
21.021 — RIO DE JANEIRO — RJ

Distribuído por:
FERNANDO CHINAGLIA DISTRIBUIDORA S.A.
Rua Teodoro da Silva, 907 — Rio, RJ

Composto e impresso pela Cia. Editora Fon-Fon e Seleta, Rua Pedro Alves, 60 — Rio — RJ.

O texto deste livro não pode ser, no todo ou em parte, nem reproduzido, nem registrado, nem retransmitido, por qualquer meio mecânico, sem a expressa autorização do detentor do copyright.

capítulo 1

— Não pare de atirar, Angel!

— Faça com que os cavalos voem e deixe os peles-vermelhas por minha conta!

O carroção avançava desembestado pela planície, quase se desmontando. Duas parelhas de cavalos cansados, empapados de suor, tentavam colocar a maior quantidade de espaço entre eles e os índios furiosos.

— Ei, Danny! Você viu essa?

— Feche a boca e atire, desgraçado!

— É o que estou fazendo. Peguei três selvagens de jeito agora.

Era verdade. Os três índios que se aproximaram mais, jaziam na poeira: um morto e os outros dois aleijados. Com apenas um tiro bem dado, Angel Face atingira as duas patas direitas do cavalo que vinha no meio. Na velocidade, o animal rodopiou sobre si mesmo, desequilibrando os outros companheiros que ao seu lado galopavam. Depois, sem muita cerimônia, caiu sobre seu cavaleiro, esmagando-o contra o solo.

— Quantos peles-vermelhas vêm atrás de nós, agora? — perguntou Danny Dinamite, fazendo o chicote estalar nas orelhas dos puxadores.

— Tem sete, atrás...

— Ótimo! Talvez haja uma chance de escaparmos.

— ... e mais vinte, de cada lado.

— Maldição! Os cavalos não agüentarão.

Uma bala indígena mais certeira foi alojar-se contra o corpo de Angel, na altura do coração. Ouviu-se um barulho de lata amassando-se.

— Desgraçado! Índio sujo!

— Pegaram você?

— Não, mas estragaram a nossa maior oportunidade de escapar.

Parou de atirar por alguns instantes.

Com os olhos faiscando de raiva, meteu a mão no bolso da camisa e tirou uma gaita toda arrebentada. Jogou-a atrás do amigo, na boléia do veículo, e bradou:

— Veja o que aquelas bestas fizeram com Sofia!

Danny nem se deu ao trabalho de olhar para trás. Fez o chicote estalar mais alto e comentou:

— Se nos salvarmos, vou levar flores para o pele-vermelha que fez isso. Pelo menos me livrou desse maldito miado de gato!

Furioso com o incidente, o rapaz atirava como um desesperado.

— Seus sujos! Tomem! E você também... sim, foi você, porco empenado! Tome chumbo!

A raiva o cegava. E mesmo cego derrubou mais três índios.

Depois se acalmou. Engatinhou por sobre os sacos e objetos que se encontravam no piso do carroção, pegou os restos mortais de Sofia

e tentou tirar um som qualquer. A gaita calara-se para sempre.

— Você não fica com pena dela? — perguntou.

Danny não respondeu. Virou a mão direita para trás, deu um sopapo no amigo, obrigando-o a voar para seu local de tiro.

— Continue disparando, seu cretino!

— Mas... Era nossa única esperança.

Baleou um perseguidor que se encontrava a cinco metros e perguntou:

— Já se esqueceu como a música de Sofia me acalmava?

— Tem coragem de considerar aqueles gemidos como sendo música?

— Você está despeitado. Era um som puro.

— Tão puro que chegava a derrubar abutre distraído! O mudo tradicional de Arkansas City, quando o ouviu, correu como um doido, xingando a mãe de todo mundo!

Com a manga da camisa, Danny limpou o suor da testa. Olhou rapidamente para trás e arrepiou: um verdadeiro pelotão de cheyennes

galopava e atirava a uns cinqüenta metros de distância.

— Municie todas as nossas armas! — gritou. — Pararei na boca do desfiladeiro. Tentaremos detê-los e rezaremos para que alguém surja e nos ajude.

— Então mande que parem de atirar por alguns minutos. Caso contrário será muito difícil recarregar as armas sem levar um tiro na testa!

A carroça estalava por todos os cantos e juntas. A lona ainda não virara uma peneira, mas ensaiava para tal.

Os gritos e tiros, o galopar dos cavalos indígenas aproximavam-se, tornavam-se cada vez mais próximos.

— Há uma banana de dinamite na minha sacola. Pegue-a.

Angel desenganchou a mochila que balançava numa das vigas e protegendo-se, abriu-a. Tinha apenas um cartucho de explosivos. Danny atravessava uma má fase, pois nunca viajava sem um estoque completo dos seus brinquedos.

— Tem só um cartucho! — gritou.

— Eu sei. Jogue-o no meio dos peles-vermelhas. Assim teremos tempo para fazer a barricada na boca do desfiladeiro.

Angel calculou o tamanho do estopim que deveria utilizar, acendeu-o e deixou-o cair displicentemente do lado de fora da carroça.

Contou pausadamente:

— Um, dois, três, quatro, cinco...

A explosão poluiu o ar com pedaços sangrentos dos selvagens. Cavalos e índios mortos, aturdidos, mutilados, dançando grotescamente nos tocos das pernas e gesticulando com os restos dos braços. Confusão total.

Por incrível milagre, um pele-vermelha viu-se projetado para frente, sem nenhum arranhão, e caiu sobre a lona do veículo. Encontrava-se um tanto atordoado. Tentou descer, colocando os pés na boléia. Antes mesmo de tocar a tábua, Danny aplicou-lhe um sôco no queixo, arremessando-o de volta pelo mesmo caminho em que viera. Voou por sobre a lona e esborrachou-se de encontro a um companheiro que procurava a metade do seu braço, amputado pela dinamite.

Os dois aventureiros mal tiveram tempo

para atravessar a carroça na boca do desfiladeiro e se entrincheirar. Os atacantes se reorganizaram e voltaram à carga.

Agora a luta estava melhor, embora continuasse desesperadora: eram dois contra trinta.

— Vamos passar uns dias em Denver, se escaparmos com vida dessa desordem? — sugeriu Angel Face, sem tirar os olhos da mira e o dedo do gatilho da Winchester.

— Não é má idéia.

— Como estavam as coisas quando esteve por lá, a última vez?

— Explodindo.

— Muito progresso?

— Muito tiroteio.

Os índios atacavam e recuavam, sem se aproximarem muito, temorosos de encontrar outro cartucho do diabo pela frente. Às vezes um ou outro mais ousado chegava a dez metros, mas recebia tanto chumbo no corpo que se via obrigado a morrer.

— Meu colar de dentes de coiote fará sucesso no saloon da Corin Caw. O que você acha, Dan?

— De onde é que veio isso?

— De um coiote, ora!

— Não diga besteira! Coiote não usa colar! Parece-me que você andou enganando algum cheyenne. Este colar é de chefe índio.

— Acha que eu teria coragem de fazer uma coisa dessa?

— Acho! E tenho a impressão de que o colar tem muito a ver com este ataque que estamos enfrentando agora.

O rapaz calou-se. Sem fazer pontaria, acionou o gatilho do rifle e a bala saiu certeira, indo quebrar ao meio a pena que um selvagem trazia na cabeça.

Neste momento um clarim soou ao longe.

— É a cavalaria, Dan!

— Sim. Parece que desta vez eu escapei.

— Você?! Olhe para mim; também estou vivo.

— Em seu lugar preferiria estar morto.

— Deixe de brincadeira.

— Não estou brincando. Já se esqueceu de que fomos expulsos do forte porque você se engraçou com a esposa do capitão?

— Com mil diabos! Ele jurou que me mataria, se nós encontrassemos de novo!

Perseguidos pela cavalaria, os índios entraram em debandada. Na complicação, alguns tentaram furar o bloqueio que o carroção fazia na boca do desfiladeiro. Ficaram em piores condições do que os outros, pois Danny tinha a pontaria infalível. Mesmo sozinho não permitia a fuga por aquele lado.

Sozinho?

— Angel! Onde está você, seu sujo!

— Aqui dentro do carroção.

— Venha lutar.

— Agüente sozinho mais um pouco. Já desço.

— O ataque ainda não terminou.

— Eu sei. Espere mais um instante.

Não podendo distrair-se, Danny continuou com os olhos voltados para a planície, aguardando o aparecimento de qualquer fugitivo.

Quando tudo se acalmou e lhe permitiu olhar para os lados, assombrou-se:

— Que diabo está fazendo aqui, minha senhora?

Uma mulher, magra, com vestido comprido e touca na cabeça, encontrava-se ao seu la-

do. Olhava-o calada, de perfil, sem ousar encará-lo.

— Angel, maldito! Onde você arranjou esta mulher? — gritou, olhando para o carroção.

Ninguém respondeu.

Furioso, levantou-se e obrigou a mulher a encará-lo frente a frente. Seu rosto foi passando de violento a irônico.

— Mas... É...

— Cale a boca, porco de uma figa!

— Que idéia maluca é essa, Angel?

— Fique com a boca fechada! O capitão vem chegando e se você revelar meu disfarce, juro que lhe estouro os miolos!

— Como é que vou justificar a presença de uma mulher neste lugar? O capitão me conhece muito bem e sabe que sou solteiro!

— Diga-lhe que sou sua irmã, sua mãe, sua avó... Agora veja lá o que vai fazer. Ele já se aproxima.

Empoeirado e suando por causa do combate, o capitão parou seu cavalo perto do carroção. Ao ver quem salvara dos peles-vermelhas, exclamou:

— Danny Dinamite!

— Olá, Capitão Katze! O senhor chegou em boa hora.

O militar olhou risonho para a mulher que permanecia de cabeça baixa ao lado do rapaz:

— Quem é ela?

— É minha irmã.

Sem desmontar, ele fez uma rápida continência, cumprimentando-a:

— Muito prazer, senhorita.

Angel abaixou-se um pouco, numa leve reverência e começou a subir no carroção.

— Onde está aquele seu sócio degenerado?

— Refere-se a Angel?

— Sim.

— Espera-me em Denver.

— Tenho esperança de não o encontrar por lá. Prometi que o castigaria na primeira oportunidade e não voltarei atrás.

Dentro do veículo, Angel escutava, sem poder ao menos defender-se

— Se o fizer, o senhor estará podando um galho seco, capitão — disse Danny, maliciosamente. — Meu sócio nunca foi muito destas coisas.

«Maldito», pensou o rapaz, furioso, torcendo a barra do vestido. «Aproveita a situação para chamar-me de afeminado. Se não fosse este pelotão ao seu lado, juro que sairia daqui e acabaria com os dois».

Ficou mais violento ainda quando ouviu o comentário seguinte escapar da boca do amigo:

— Acho que aconteceu um engano lá no forte, capitão. Angel às vezes até gosta de vestir-se como uma mulher!

Os dois riram a valer.

Para ele era preferível ser considerado um afeminado, mas vivo. De nada adiantaria passar por valentão naquele momento. Suas chances eram mínimas. A uma ordem de superior, aqueles soldados o transformariam de valentão em defunto, antes que pudesse diparar o terceiro tiro.

Via-se obrigado a suportar tudo, até o perigo passar.

Após colocar todos os índios para correr, um sargento veio apresentar-se ao superior.

— Nenhuma baixa, capitão.

— Ótimo! Agora espere um instante.

Voltou-se para Danny e confirmou:

— Vocês vão para Denver também, não é verdade?

— Nós os escoltaremos.

Sentado sobre um saco de farinha, as pernas de Angel tremeram, quando ouviu a ordem que o Capitão Katze dava ao seu subordinado:

— Siga com a tropa à nossa retaguarda, sargento. Escoltaremos Dan e sua simpática irmã até Denver. Irei no carroção com eles.

capítulo 2

Com dezoito anos de idade Daniel Montgomery, mais tarde Danny Dinamite, saiu de Jamestown, na Virginia, e viajou sozinho rumo ao Oeste. Buscava ouro e aventuras. Sentia-se cansado da vida monótona e dos bancos da escola.

Sua primeira parada foi Denver, lugar que na época sofria todos os percalços do desenvolvimento rápido: pouco mais tarde uma dezena de ruas, uma centena de casas e milhares de bandidos.

Com o dinheiro quase acabando, sem conhecer ninguém, viu-se obrigado a procurar trabalho antes de seguir caminho.

Mas o que poderia fazer numa cidade rude como aquela? Nunca vaquejara, atirar também não sabia. Possuía como arma um físico invejável e aprendera muitos golpes de luta oriental com um chinês que trabalhava para a família em Jamestown. Mas pouco lhe adiantariam tais conhecimentos. Os três primeiros dias que passara na cidade foram suficientes para mostrar-lhe que o pessoal preferia a força da pólvora à dos músculos.

Deprimido, conversava com o proprietário do hotel sobre a situação, quando este lhe indagou:

— Por que você não arruma serviço no banco? Sabe ler, escrever e contar como nunca vi. Qualidades assim são difíceis numa cidade como Denver.

— Sabe se precisam de gente por lá?

— Penso que sim. O caixa ficou maluco após o assalto de dois dias atrás — explicou o hoteleiro. — Você já o viu por aí. É aquele

sujeito que anda lambendo as barras de amarrar cavalos.

— Ele recebeu algum tiro, durante o roubo?

— Não. Nic já era meio adoidado antes disso. Uma vez foi preso por dançar com o juiz no baile da independência. O assalto, porém, soltou de uma só vez todas as molas de sua cabeça.

— Quem é o dono do banco?

— É J. Martin. Vá até lá e diga-lhe que eu o mandei.

O banqueiro admitiu Danny imediatamente. Sua vasta cultura provocava vergonha em qualquer um. Era homem talhado para trabalhar com números e papéis.

— Pagarei trezentos dólares e mais alguma coisa! — disse o patrão.

Era um ótmo salário.

No fim do primeiro mês o rapaz recebeu só o mais alguma coisa. Porem, o golpe com a quina da mão que deu no pescoço do banqueiro foi suficiente para mostrar-lhe que aquele rapaz do Leste merecia um salário melhor. Passou a ganhar quatrocentos.

Nos fins de tarde e nos dias de folga, apri-

morava sua pontaria, atirando em árvores, pedras, latas, pequenos animais. Por vezes, metia-se em briga alheia com o único obejtivo de exercitar os golpes e os músculos.

Tornou-se perito em montar, atirar e brigar. Mas nunca fez disso uma profisão. A prova é que, mesmo vivendo numa cidade infestada de bandoleiros, até os vinte anos de idade não havia matado ninguém.

Nos dois anos em que trabalhara como caixa no banco de Martin, sobreviveu a muitos assaltos, sem se envolver. Porém, quando Kid Amy parou defronte ao estabelecimento, acompanhado de sua famosa e sangüinária quadrilha, naquela tarde, encontrou-o convenientemente preparado.

Era o segundo assalto em menos de quarenta dias!

«Se liquidar com este bandido, poderei seguir o meu caminho» pensou Danny, observando os facínoras desmontarem. «Dão cinco mil pela cabeça do chefão».

Kid Amy amarrou seu cavalo na barra, cerrou os dentes e disse aos companheiros:

— Vamos com bastante calma, rapazes. O negócio será muito fácil.

Sacou seus trabucos e seguiu na frente do bando.

— Quero todo mundo deitado com a barriga no chão! — ordenou ele, aos que se encontravam no recinto. — Isto é um assalto. Façam como mando e ninguém sairá ferido.

Clientes, funcionários e outras pessoas que nada tinham a fazer por ali, trataram de cumprir a ordem.

— Não quero ninguém olhando para cima, senão leva chumbo! Todo mundo respirando a poeira do chão.

Notando que a dona do Saloon Estrela Azul deitara-se de costas, com as pernas abertas, Danny avisou:

— Deite-se de bruços, Meg! Lembre-se de que está num banco, em pleno assalto, e não trabalhando em seu saloon!

Ela não se virou. Abriu mais as pernas.

Kid agarrou o rapaz pelo colarinho, tentou levantá-lo, mas faltou-lhe forças. Danny pesava uns oitenta quilos.

— Fique em pé, idiota! — berrou o facínora.

Atirou-lhe uma sacola de lona no peito e ordenou:

— Coloque todo dinheiro aí dentro.

Tranqüilo, mas fingindo medo, Danny pegou a sacola, abaixou-se atrás do balcão e pôs-se a trabalhar.

Kid Amy era um dos bandidos mais feios das redondezas. E desalmado, também. Quando Danny viu o cartaz do xerife, trazendo o desenho de sua cara e anunciando o prêmio de cinco mil pela captura, vivo ou morto, pensara:

«De duas, uma: ou o desenhista é muito ruim, a ponto de deformar todos os traços do bandido; ou no dia em que o desgraçado nasceu, a natureza estava com a fôrma amassada!»

Contudo, ao vê-lo pessoalmente, concluiu que o artista fora até muito complacente. Kid Amy era mais feio do que coice de mula!

O que auxiliou bastante seus planos, naquela tarde, foi a baixa conduta moral da proprietária do Estrela Azul. Sabendo que o bando sairia dali com uma bolada considerável, resolveu divulgar sua casa de libertinagem.

Com uma voz de quem deseja incendiar o Mississipi, convidou o chefe da quadrilha:

— Apareça no Estrela Azul, qualquer dia, bonitão. Temos umas «meninas» de derreter montanha.

Olhando-a de soslaio, mas sem desviar a atenção, o bandido cuspiu no chão. Soltou uma risadinha canalha pelo canta da boca e grunhiu:

— Quando o xerife parar de me perseguir tão injustamente eu aparecerei.

E riu como uma hiena, de sua própria e triste piada.

O restante do bando continuava atento e segurava na boca do Colt qualquer idéia de reação.

Danny, que se havia abaixado atrás do balcão para encher a sacola com o dinheiro, levantou-se e pediu:

— Arranje outra mochila. Esta já não cabe mais nada.

Não se sabe de onde e nem como, mas em poucos segundos apareceu outra sacola.

Muito apressado, o caixa apanhou-a e reiniciou o serviço, abaixando-se novamente.

Em poucos segundos levantou-se com as

duas sacolas cheias e, entregando-as a Kid Amy, falou:

— Prontinho... Deseja mais alguma coisa?

O facínora não respondeu. Pegou os dois volumes, fez sinal aos seus homens e voaram para fora do banco, fuzilando quem se encontrava no seu caminho.

Pulando agilmente por sobre o balcão, Danny correu em direção à porta.

Foi seguro pelo banqueiro.

— Você teve tempo para pegar um revólver e resistir! — proferiu o homem, fuzilando-o com os olhos. — Por que não o fez?

— E eu sou louco? Se atirasse no chefe, os outros me crivariam de balas!

Covarde! Poderia ter salvo o dinheiro dos depositantes e ganhar os cinco mil dólares de recompensa!

O rapaz pegou o banqueiro pelo braço, arrastou-o até a saída do banco e apontou para os bandidos que desembestavam pela rua. Disse:

— Eu vou ganhar o cinco mil, Martin.

— Agora que fugiram? Nunca!

— Pois fique olhando com atenção...

De repente a cidade estremeceu com a violência da explosão.

Ninguém entendia o que se passava. Naquela hora da tarde, em pleno mês da estiagem, com o céu limpo e azul, começou a chover pedaços de bandidos, de cavalos, ferraduras, arreios e dinheiro por todos os lados.

— Mas... mas... — Martin conseguia apenas balbuciar, sem nada compreender — O que aconteceu?

— Explodiram.

— Coloquei dois cartuchos de dinamite acesos, dentro de uma sacola — respondeu Danny muito tranqüilo.

O banqueiro encontrava-se abestalhado.

— Vo... você?

— Eu. E acho bom correr para lá e ajuntar seu dinheiro Martin.

O homem despertou subitamente do choque:

— Você vai também. Não se esqueça que ainda trabalha para mim.

— Trabalhava. Com cinco mil dólares você perdeu o empregado e eu ganhei o meu caminho.

Neste dia surgiu um novo vagabundo nas trilhas do oeste: Danny Dinamite.

* * *

— Nunca soube que você tinha uma irmã, Danny — disse o Capitão Katze, espreguiçando-se na boléia do carroção.

— Ela veio do Leste há poucos meses.

O militar olhou para o interior do veículo onde Angel disfarçava sua condição de homem. Sorriu maliciosamente e comentou:

— É muito bonita e eu sempre gostei de conversar com pessoas bonitas. Permite que vá até lá falar um pouco com ela?

Angel gelou. Previa muito mais do que uma simples conversa nas intenções do militar. E se ele tentasse alguma coisa de imoral, ver-se-ia obrigado a partir-lhe a cara. Aí a tropa cairia em cima e o mandaria para o viveiro dos defuntos.

Situação basta!

A esperança seria Danny recusar, não deixar que Katze viesse conquistar sua irmã. Irmã? Bem... pelo menos moralmente o era. E

um irmão honesto, valente, jamais permitiria ques seu próprio sangue fosse perburbado por um estranho.

A carroça fazia tanto barulho ao rodar e guinchar pela estrada esburacada que não ouviu a resposta de Danny por inteiro. Escutou apenas as últimas palavras:

— ... e não vejo por que me importar.

Sujeitinho patife, aquele sócio! Estava a fim de vê-lo metido numa complicação maior do que a merecida. Não tinha o menor escrúpulo, não sentia remorso algum ao abandonar sua indefesa irmãzinha nas garras de um militar indecente! O inferno seria pouco para atormentar sua alma.

Lembrou-se de uma das milhares de frases que lera no Livro dos Ensinamentos, quando pastor em Rawsonville: «O homem cheio de si é sempre vazio». Ses Danny não o livrasse daquele iminente desastre, não permaneceria vazio por muito tempo. O primeiro ato que faria, após safar-se, seria encher sua cabeça de chumbo.

Mas primeiro teria que se livrar do capitão.

Percebeu quando o militar com os olhos

brilhando, saía da boléia e arrastava-se para o interior da carroça, em sua direção.

Se fosse uma mulher de verdade, aprontaria um escândalo desgraçado: xingaria, gritaria... Mas não era mulher. Depois pouco adiantaria berrar: se grito resolvesse, porco não morria.

De qualquer modo tinha que se defender. E o fez.

Quando Danny olhou para trás, esperando gozar a situação, levou um choque e apavorou-se. Naquele exato momento a coronha do revólver de Angel descia furiosamente rumo à cabeça do capitão.

A pancada foi certeira. Katze ainda se encontrava engatinhando quando a recebeu. Afundou a cara no saco de farinha e perdeu os sentidos, sem a menor chance de encontrá-los por várias horas.

— O que você fez, idiota?! — berrou Danny, apavorado com a idéia de que os soldados pudessem descobrir o que acontecera.

— Apenas defendi minha integridade física. Só isso.

— Ainda acha que foi pouco? Diga-me agora o que fará com o corpo?

— Eu?

— Sim; quem poderia ser?

— Você. Pelo que me consta, este degenerado Angel Face nem se encontrava presente quando você agrediu o militar.

Sorrindo com o rosto todo, desvencilhou-se do vestido, colocou os dois Colts no cinturão e completou:

— Se você não sair dessa, de maneira convincente acho que ficará tão mal com o capitão quanto eu. E agora, sócio?

* * *

Moço, inteligente, com apenas dezenove anos de idade, Angel Innes era reverendo em Rawsonville, uma cidadezinha perto de Tulsa, no Oklahoma.

Tinha pouca barba, olhos cândidos, ar inocente, o que lhe valeu a alcunha de Angel Face.

Tamanha era sua paixão pela música, a qual nunca chegou a executar sequer razoavelmente. Com muito sacrifício introduzira um órgão em seu templo. Desafinado como o próprio pastor, é verdade, mas assim mesmo um órgão. Instrumento de música e penitência.

Quando a congregação se deixava levar pelos pecados, durante a semana, no culto do domingo arrependia-se ao extremo. Difícil a ovelha do seu rebanho que não chorava durante a função. Chorava com sentimento, com mágoa, desgosto, arrependimento. E não era para menos: Angel tocava o órgão desde o início do culto até o instante em que, contritos, os fiéis ajoelhavam-se e rogavam que parasse.

Quando o xerife prendia algum criminoso e não conseguia obter uma confissão, levava-o ao templo para uma audição especial com o pastor. Cinco minutos de música e ele confessava o que o xerife quisesse.

Um dia — e sempre há um dia na vida de qualquer reverendo bem-intencionado — alguns pecadores revoltados roubaram o órgão e atiraram-no pelo penhasco de Midnight: quase mil metros de altura. O instrumento espatifou-se, transformou-se em escombros. Contudo, para certificar-se de que nunca mais tocaria, atearam-lhe fogo e, finalmente, enterraram as cinzas.

Foi a maior desilusão que Angel teve com a religião.

A partir de então relaxou o serviço. Passava mais tempo exercitando a pontaria e namorando as garotas da cidade, do que encaminhando suas ovelhas.

E vivia nervoso, também.

Um domingo indispôs-se com o prefeito.

Era hora do serviço religioso da noite. O templo encontrava-se repleto. Angel lia um trecho da Biblia, para posteriores comentários, quando notou que o prefeito dormia em seu banco.

Aquilo ofendeu-o. Era um desrespeito às palavras santas. O sangue subiu-lhe à cabeça e começou a avermelhar seus cândidos olhos.

Fechou com raiva o pesado livro e sem que ninguém esperasse, arremessou-o na cabeça do dorminhoco.

Com a voz inflamada, gritou:

— Se não quer ouvir as palavras de Deus, pelo menos há de senti-las!

Apesar de tudo, sua demissão da igreja aconteceu no dia do sétimo aniversário da cidade. Rawsonville não era calma como nos dias em que o órgão dominava ameaçadoramente na igreja. E naquele janeiro, em especial, encon-

trava-se bastante movimentada. Diligências, carroções e cavalos chegavam a todo instante, trazendo gente para as comemorações.

Tudo indicava que seria a maior festa que jamais houvera na região. E como pensar de outra forma se, até no serviço religioso da manhã, as provas apareceram claríssimas?

Cinco mortos foi o saldo do culto!

E o tirotieo começou por causa das palavras inflamadas do Reverendo Angel que, a cada dia sentia-se menos confortável dentro das funções religiosas. Mostrava-se bruto com as menores faltas, rogava pragas, xingava e, se preciso fosse, implantava suas idéias a poder de pancadaria. Era tão forte no braço como nos sermões.

No início da confusão ele encontrava-se no púlpito, pregando contra o diabo e seus seguidores, quando Stuart Beeston, um rancheiro que havia perdido três dentes numa briga com o pastor por questões de roubo de gado, levantou-se e gritou:

— O senhor fala essas coisas do diabo porque ele não está aqui para defender-se, senão...

— Senão eu falaria da mesma forma, filho

das profundezas! E provaria o que falo, do mesmo modo como provei que você roubava gado dos seus vizinhos.

Como havia muitos maus-elementos assistindo ao culto, as opiniões começaram a se dividir: algumas apoiando o pastor, e outras, o diabo.

Foi então que Johnny Alcool, o bêbado-mor da cidade, sacou sua garrafa de uísque, levantou-se do banco e cambaleou até junto ao púlpito. Ergueu os braços, em seguida e berrou:

— Parem com esta algazarra, seus coiotes! Pensam que estão num saloon?

Reprimenda passada por um bêbado era algo que poucos poderiam suportar. Principalmente porque o bêbado tinha razão.

O templo ficou em silêncio.

Entusiasmado e quase caindo, Johnny levantou a garrafa para o alto e tornou:

— Assim está melhor. E para comemorarmos a paz entre os homens, façamos um brinde à saúde do diabo!

O ambiente ferveu outra vez.

Angel tomou a garrafa e esborrachou-a na cabeça de Johnny, o qual, após lamber o uísque

que escorria pelo rosto, desmoronou sobre uma velha surda que rezava tranqüilamente em seu canto.

Neste meio tempo a briga se generalizou e começou a transformar-se em tiroteio.

Do lado esquerdo do templo, entrincheirados atrás dos bancos, partidários do demônio cuspiam chumbo rumo aos correligionários do pastor. Estes, por sua vez, protegidos do lado direito, devolviam tiro por tiro.

Angel permanecia no púlpito lugar privilegiado para levar uma bala no meio da testa.

Quando o terceiro tiro raspou sua cabeça, desmanchando um penteado que levara tanto tempo para acertar, ele ficou tal um lobo faminto. Sacou seus dois Colts e disparou para o ar, com o objetivo de advertir os arruaceiros.

Talvez foi por que houvesse muita gente no telhado, assistindo à confusão; ou porque Angel não atirasse tão para cima como devia, o certo foi que o resultado dos seus disparos montou em cinco defuntos, todos partidários do diabo.

— Agora podem reclamar pessoalmente ao seu chefe — falou ele, encomendando as almas ali mesmo.

No dia seguinte a cidade não tinha mais pastor. Em compensação, o Oeste tinha novo aventureiro.

* * *

— Sempre lhe disse, Dan: se o mundo fosse povoado só de gordos, as pessoas viveriam mais unidas — filosofou Angel, procurando bagunçar ainda mais a inquietação do amigo.

Danny continuava furioso, dirigindo o carroção em silêncio, ao mesmo tempo em que procurava uma maneira de safar-se da encrenca.

A pouco mais de cinco metros, seguindo como um rabo, a cavalaria prosseguia em trote lento, acompanhando-os rumo à Denver.

Estirado sobre os sacos de mantimento e os materiais utilizados para acampar, o Capitão Katze seguia desmaiado, talvez sonhando com os doces abraços da simpática irmã de Dan.

— Concordo que me colocou numa boa enrascada, pastor de macacos! Por outro lado você também está no mesmo barco. Dentro de uma hora, mais ou menos, chegaremos em Denver e...

— E antes de chegar eu pulo da carroça e o deixo a justificar-se com o capitão.

— Olhe para trás e depois me diga como pulará da carroça sem ser visto pela cavalaria.

— Não se preocupe. Tenho a salvação no bolso da camisa.

Tirando cinco pequenas bombas amarradas como um rabicho uma na outra, mostrou-as de longe ao amigo.

— Quando estivermos mais próximos, acenderei o pavio e jogarei todas no mato. O pavio é comprido e somente explodirá as bombinhas quando os cavaleiros tiverem passado. Pensarão que são tiros, correrão para verificar e aproveitarei a confusão para safar-me. O que acha da idéia?

— Esquecera-me de que você é cheio dos truques.

— E poderia explicar-me como você sairá da sua embrulhada?

— Muito simples. Quando os seus fogos de artifício estourarem, a carroça desembestará, darei alguns tiros como se alguém me atacasse. Um tiro acertará, de raspão, a cabeça do seu

pretendente aí. O resto é questão de boa conversa.

— E como justificará o desaparecimento de sua irmã?

— Foi raptada por um dos atacantes.

Angel balançou a cabeça, negativamente, e sorriu.

— Não vai pegar. Nenhum irmão fica tranqüilo quando a irmã é raptada.

— Fica sim. Principalmente se for uma irmã vagabunda como a minha.

— Não acreditarão, pode crer.

— E se eu lhes disser que o raptor foi um tal de Angel Face, será que pega?

Os olhos do rapaz abriram-se desmesuradamente:

— Você não fará uma coisa dessas, Dan! Chega a confusão que já arranjei com o estúpido aí, só porque me pegou abraçando sua esposa. Vai querer que ele me persiga também por ter raptado sua irmã, que no fim das contas era eu mesmo? Não!

Num solavanco da carroça o corpo do mili-

tar virou um pouco para o lado, deixando cair um pedaço de papel do bolso.

Angel pegou-o. Desamassou-o, leu e assobiou:

— Ei, Dan! Veja isso!

Entregou o papel ao amigo, observando-o para ver sua reação.

— Muito interessante! — comentou Danny. — Um plano detalhadinho para assaltar o banco de Denver.

— Será que você está pensando o mesmo que eu?

— Sim, companheiro. Já havia notado algo de familiar nos olhos de Blood Joe. Inclusive o porte e a maneira de andar...

— Militarescos, não é?

— Exatamente. As máscaras que ele e o seu bando usam não são suficientes para ocultar tais características.

— Isso explica por que nunca ninguém encontrou o esconderijo de Blood Joe: terminam os assaltos, mudam de roupa num lugar deserto, ou numa fazenda qualquer, e voltam para o

forte. Com mil demônios, se não é um belo plano!

Danny devolveu o papel ao amigo e ordenou:

— Coloque-o novamente no bolso do sujeito. Não quero que ele mude de idéia. Temos de pegá-lo com a mão na armadilha.

— Quanto oferecem de recompensa pelo bando todo?

— O último cartaz que vi cotava a cabeça de Blood Joe em seis mil. Só ele. O restante não sei.

Os olhos de Angel brilhavam:

— Não podemos deixar que nos escape, sócio.

— E nem podemos prendê-lo agora. Será muito fácil dizer que encontrou tal papel em algum lugar.

Ao longe já se podia ver as primeiras casas da cidade.

— Acho bom você acender suas bombinhas e dar o fora daqui. Logo adiante há uma curva. Jogue-as no mato, o mais longe que puder, uns cinco metros antes da curva. Isso nos dará al-

guns segundos longe das vistas da cavalaria. Pule da carroça e fuja para a cidade. Não queira pegar carona num dos cavalos dos soldados.

— Você manda, chefe.

— Deixarei nossa casa perto do estábulo do velho Kendall.

— E não se esqueça de desatrelar meu cavalo e dar-lhe uma ração dupla de feno. Estarei por lá bem antes do que imagina.

— É bom não demorar. Precisaremos estudar uma maneira de frustrar os planos do assalto e ganhar os seis mil.

* * *

A carroça chegou ao estábulo quando começava anoitecer. Danny vinha na boléia, assobiando uma velha canção mexicana e dando tratos à cabeça para capturar o bando de Blood Joe.

Não seria nada fácil tal tarefa. As duas vezes em que vira a quadrilha assaltar, contou nada menos do que dez componentes, todos disciplinados e sangüinários. Dificilmente um

trabalho seu não resultava na morte de várias pessoas. Os bandidos não se arriscavam: se alguém que estivesse por perto fizesse o menor movimento, comia chumbo.

Ao lado do estábulo, amontoando distraidamente o feno, o velho Kendall não prestou muita atenção à carroça que parava.

Danny desceu, achou um pequena pedra e jogou-a no velho conhecido. A pontaria continuava boa; acertou na copa do chapéu:

— Maldição! — exclamou Kendall, virando-se.

Ao perceber quem fizera aquilo, a voz saiu forte, alegre:

— Danny, seu coiote! É você?

— Exatamente, meu velho! Disseram-me que você tinha morrido nos braços de Meg, do Estrela Azul!

Os dois abraçaram-se alegremente.

— Há quanto tempo, Danny! Por onde tem andado?

— Por aí. Você está forte como um urso! O uisque do Estrela Azul lhe faz muito bem.

— Não vou mais ao saloon, rapaz. Desde que Meg morreu...

— Juro que não sabia disso. Foi algum tiro?

— Não; doença... Não me lembro qual foi o nome que deram à doença, mas não era nada grave. Morreu, apenas.

O rapaz fez algumas flexões para espantar o torpor que se apossara do seu corpo durante a viagem e ao mesmo tempo perguntou:

— Tem alguma novidade que me diz respeito?

— Disseram-me que você faísca ouro e caça por aí como um velho renegado. Falaram até que fez sociedade com um ex-pastor meio maluco.

— Meio maluco, não! — gritou Angel, saindo de baixo da carroça.

— Ei, Angel! Como foi que chegou tao rápido? — indagou Danny, admirado com a súbita aparição do amigo.

— Viemos junto, sócio. Eu estava embaixo da carroça.

— Entendo... Mas como conseguiu embarcar?

— No instante em que vocês caçavam os raptores de sua virginal irmãzinha, aproveitei a baderna e entrei no porão.

Kendall ouvia a conversa dos amigos, sem nada entender. Limitava-se a escutar e coçar a cabeça.

Arriscou um comentário:

— Carroça com porão! Não falta aparecer mais nada!

— Kendall, venha cá. Quero apresentar-lhe aquele ex-pastor maluco de quem falávamos. Seu nome é Angel.

O cuidador de cavalos aproximou-se.

— Muito prazer, reverendo — disse, ao mesmo tempo em que começava a tirar o chapéu respeitosamente.

— Nada de reverendo e nem de tirar o chapéu. Trate-me apenas por Angel — falou ele, colocando o braço no ombro do velho. — E agora vamos dar uma boa ração para os cavalos.

Enquanto desatrelavam os animais para colocá-los nas cocheiras, Kendall olhava admira-

do para a fisionomia de criança do ex-religioso; uma aparência pura, alegre, de quem vive eternamente o paraiso. Se um dia lhe pedissem para pintar um santo, Angel seria o modelo perfeito. Mal sabia que por trás daquela aparência inocente, escondido sob a pele de cordeiro, havia um dos lobos mais rápidos no gatilho que já conhecera em toda sua vida.

— Você acha que a religião atrapalha a vida das pessoas, Angel — perguntou o velho, puxando conversa.

— Numa terra como o Oeste não há nada que faça os homens amarem uns aos outros. Aqui tudo é ódio e ambição. A religião, como manda os preceitos, de nada adianta. Serve apenas para fazê-los odiar algumas pessoas. Eu quis implantar a palavra do Senhor ao meu modo, mas não obtive apoio.

— E qual era o seu modo?

— Usando os mesmos instrumentos que usam para tudo nestas paragens: o revólver e a bordoada.

— Acredita que Deus consentiria em tal método?

Angel sorriu gostosamente. Ajudou o velho

puxar os animais para o estábulo e afirmou:

— Ele ouvia minhas palavras. Certa feita preguei um sermão condenando o vício e a libertinagem que existia num saloon de Rawsonville. Pedi a Deus que lançasse uma maldição sobre o lugar e seus freqüentadores. Naquela noite, quando o movimento era maior, uma explosão derrubou tábua por tábua, soterrando todos os que lá estavam.

O semblante do velho transformou-se. Passou da atenção à admiração:

— Morreram todos?

— Alguns. O que valeu mesmo foi o susto e a comprovação do poder de minhas palavras.

— Prova bastante violenta, não acha?

— Nem tanto. Se levarmos em consideração o antro de bandidos que era aquilo, até que foi muito calma. O mais inocente entre os que morreram era um órfão...

— Pobre rapaz!

— ... que matou o pai e a mãe para roubá-los.

Kendall abaixou a cabeça, entristecido:

— As vezes Deus escreve certo por linhas tortas — comentou, enchendo os cochos com feno.

— Principalmente se estiver aparado pelos cartuchos explosivos de Danny Dinamite.

— Quer dizer que a explosão foi...?

O homem não chegou a completar sua pergunta, admirado que se encontrava com a dedução.

— Exatamente. De vez em quando a gente precisa dar uma mãozinha ao Senhor — afirmou Angel.

Depois de colocar relativamente em ordem a carroça que lhes servia de casa durante o vagabundear pelo sertão, Danny veio reunir-se aos outros dois dentro do estábulo. Queria tirar algumas informações que facilitassem o trabalho do dia seguinte.

— Martin ainda é o dono do banco? — perguntou, sentando-se ao lado do velho Kendall, num rústico banco de madeira.

— Sim. Porém esteve a ponto de perdê-lo, por causa do seu filho, o desmiolado Ray.

— Não me parecia que Ray fosse um esbanjador, quando trabalhava para eles.

— E não é. O negócio foi que se meteu em política, pensando em se eleger prefeito da cidade, e por pouco não se consagrou prefeito do cemitério.

— Foi assim tão feia a disputa?

— Vamos tomar um café no meu quarto e lhes conto o que aconteceu. Darão boas gargalhadas.

Entraram num amplo quarto, mal arrumado, com algumas selas e arreios espalhados pelos cantos. No centro, sobre um fogão ainda quente, via-se um bule de café.

Enquanto servia os amigos, Kendall contou:

— O azar do Ray foi que nunca lhe ensinaram que não deveria jogar moedas na frente de uma manada brava e depois tentar catá-las. Um mês antes das eleições esteve em Saint Louis e assistiu a um comício com gente calejada, pessoal com a garganta calejada de tanto discursar.

Acomodou-se numa velha cadeira, perto de Danny e continuou:

— Como contou mais tarde, ficou impressionado com um orador que pedia votos para o candidato da oposição: sujeito da capital, chegado a Saint Louis somente para falar. Quando chegou sua vez, ele apontou para a multidão e exclamou: «Todos vocês são ladrões!». Ray estava presente e junto com o povo levou o maior susto. Porém o homem sabia trabalhar com as palavras e completou: «Ladrões, sim. Vocês roubaram meu coração

desde o instante em que pus is pés nesta linda cidade.»

— Um belo truque para prender a atenção dos ouvintes — comentou Angel.

— Ray também achou. Voltou para Denver impressionado. Quando realizou o seu primeiro discurso para prefeito, subiu numa carroça do Ted Ferreiro, fechou a cara, olhou como um cheyenne com dor de dentes para o povo que o cercava e soltou: «Ladrões!».

Kendall colocou a caneca vazia sobre uma mesa, apontou para seu próprio peito e assegurou:

— Eu estava lá e vi tudo. No instante em que ele chamou o pessoal de ladrão, todo mundo ficou de boca aberta, totalmente assustado. Ninguém se mexeu. Era o momento de desfazer o mal-estar. Mas não; ele queria enfeitar ainda mais. Gritou outra vez: «Sim, todos vocês, sem exceção, são ladrões!». Desgraçado! Deveria saber que política em Denver, quando muito enfeitada, é o mesmo que fazer carícias num coiote faminto. O pessoal avançou sobre a carroça, revólveres vomitaram fogo e a pancadaria foi geral.

Danny e Angel explodiram em gargalhadas.

— No meio da confusão, Ray berrava: «Calma, pessoal! Deixe-me explicar! Esperem!». Ninguém queria saber de explicação. Queria era limpar a alma, isso sim. Tentou se defender com o revólver, mais este também estava com tanto medo que, em vez de atirar, tossia.

— E ele manteve a candidatura?

— Só se fosse besta. Você nunca ouviu dizer que, quem se queima com leite fervendo, chora só ao ver uma vaca? Pois é isso.

— E por que o banco do velho Martin sofreu com a brincadeira? — perguntou Danny. — Tinha colocado muito dinheiro na candidatura do filho?

— Não. É que o povo achava que não deveria guardar dinheiro no banco de um homem cujo filho o chamara de ladrão. Mas hoje já está cheio de dinheiro outra vez. Dizem até que guarda uma grande quantidade de ouro para levar para o Leste. Se for verdade, já deve ter ladrão rondando por aí.

capítulo 3

Dpos ide um banho quente, demorado, coisa desejada a mais de três meses, os dois amigos desceram para o reservado do hotel para jantar.

— Morei neste lugar por dois anos — contou Danny.

— A comida é boa?

— Deve ter melhorado. Naquele tempo era muito fraca. Tinha dias em que, de tão fraca, serviam-na numa padiola. O café não tinha força nem para sair do bule.

— Com mil diabos! Por que não vamos jan-

tar em outro lugar? No Estrela Azul ou no saloon da Corin Caw?

— É melhor não nos expormos muito por aí. Depois, num saloon nos deixaríamos levar pela fragilidade da carne e da sede, e esqueceríamos nosso trabalho.

— Não daremos nem uma chegadinha aos saloons? — perguntou Angel, implorando uma resposta positiva.

— Depois do trabalho, não antes. Acho que mais do que você estou precisando de companhia feminina.

— Ora, Dan! Ambos estamos a seco pelo mesmo tempo.

— Verdade? Então quem foi o cretino que andou namorando a mulher do Blood Joe, ou melhor, do Capitão Katze no forte de Utah?

— Aquilo não deu tempo para tirar o atraso.

Danny sorriu ironicamente:

— Você está ficando muito descuidado, sócio! Conseguiram flagrá-lo durante um simples e rápido abraço.

— Não foi tão rápido assim, não. Acontece que fiquei grudado na miserável, igual o rótulo numa garrafa. Só saí quando o capitão me puxou.

— Mas hoje pode tirar o cavalo da chuva, que não terá oportunidade para colar-se numa mulher.

Jantaram como dois esfomeados e voltaram para a casa com rodas, perto do estábulo.

Danny revelou o que tinha em mente:

— Você montará guarda nas proximidades do Forte Denver e eu irei investigar pela cidade.

— Ei, vamos com calma, amigo! Por que não mudarmos as bolas? Você guardando o forte e eu passeando pela cidade?

— Por dois motivos simples e tão claros que somente um pastor renegado não exergaria. Primeiro: se o capitão o encontrar pela cidade, atiçará seus subordinados contra você; segundo: quem é o rei dos disfarces birutas?

E sem esperar resposta, emendou tal um mestre de cerimônia:

— Angel Face! Palmas para ele!

— Agradeço as palmas, mas sou obrigado a informar-lhes que desisti da vida artistica. Minha última apresentação foi para o capitão do Forte Utah, quando este viajava para Denver com sua companhia. É uma obra muito perigosa.

Abaixou-se, pegou um punhado de terra e, jogando-a para cima, gritou:

— Adeus, mundo da arte! Deixo-o com o coração sangrando, como uma mãe que perde o filho pelo bolso furado do avental!

— Sempre afirmei que você não deveria ser pastor — disse Danny, começando a bajulação convincente que sempre utilizava. — Tem uma inflexão de voz, uma postura corporal superior à dos melhores astros do Leste.

— Está bem, está bem! Chega de bajulação ou parto-lhe a cara. Qual é a ordem?

— Fique pelas imediações do forte e veja se o capitão e sua companhia saem durante a noite ou pela madrugada. Se acontecer, não tente segui-lo. Volte para cá. Enquanto isso verei se algum bandido conhecido chega à cidade. Pode ser que Blood Joe utilize, além de alguns soldados, outros bandoleiros mais sangüinários.

— Agora, diga-me: que disfarce devo usar?

— Que tal se transformar numa linda garota raptada que volta aos braços do seu entristecido admirador?

Fez um estalo com a língua e afirmou:

— Você estava linda, Angel!

Ele ria, chegando mesmo a curvar-se.

Angel nem pareceu mover-se. No entanto seu punho direito acertou com tal violência o queixo do amigo, fazendo-o voar para o interior da carroça, totalmente desmaiado. Foi como um abutre bêbado que, não sabendo para que lado ficava a terra, pusesse a voar de costas.

— Filho de uma cadela! — xingou quando o amigo se desmanchava no interior do carroção.

Com um balde nas mãos foi até o bebedouro, encheu-o de água e retornou.

Danny ainda continuava sem sentidos.

Jogou toda a água em seu rosto, ainda com os dentes cerrados pela raiva.

— Levante-se, domador de vaca mansa!

Ainda tonto com a bordoada, Danny tentou colocar-se em pé.

— Pelo amor de Deus! Foi uma cacetada e tanto! — resmungou.

— Avalie esta, agora — bradou Angel.

E desferiu novo murro no rosto do sócio. Desta feita obrigou-o a voar pela abertura dianteira da lona, aterrissando sobre um cachorro velho que dormia tranqüilamente.

* * *

Naquela noite de lua crescente, dentro de um tronco oco jogado a cem metros do portão do forte, Angel observava os possíveis destinos que Blood Joe poderia tomar.

Dentro da paliçada tudo parecia transcorrer na maior calma. Nada para quebrar a monotonia.

«Será uma noite difícil», pensou, enrolando-se melhor no cobertor. «E tudo porque este capitão assassino pegou-me com a mão na mulher!»

Sorriu, ao lembrar-se:

«Com os diabos! Ele tinha razão em protestar. Mulher como a sua foi colocada no mundo para se namorar rezando. Linda, lábios pecadores... Se Lázaro houvesse morrido em suas mãos, nem Cristo o ressuscitaria. E se o fizesse, tenho certeza de que voltaria para o túmulo e continuaria sonhando com a morte fascinante que teve. Ninguém gosta de acordar de um sonho deste; nem um defunto bíblico».

Perdia-se em comparações, em lembranças. Imaginava que o tronco que o envolvia e protegia era o corpo da mulher, cobrindo-o por todos os lados.

Escutou o toque de recolher. Sinal de que

a calmaria dentro do forte era a maior possível.

Rastejando tal uma cobra, saiu de dentro do tronco e, com muito cuidado, foi para a estrada. Atravessou-a sem ser visto pelos sentinelas e escolheu um pequeno galho de arbusto, a trinta centímetros do chão.

A cidade encontrava-se tranqüila, também. Escutava-se um ou outro tiro, apenas. Nada de grandes confusões.

Amarrou a ponta de um novelo de barbante no ramo escolhido e, desenrolando-o retornou para o interior do tronco. Era um obstáculo insignificante, sem qualquer proteção de segurança, mas o suficiente para avisá-lo. Se alguém saisse ou entrasse no forte, fatalmente esbarraria ou arrebentaria o cordão. Como a outra ponta ficaria amarrada em seu braço, o puxão o acordaria na mesma hora.

Dessa forma poderia dormir tranqüilo, sem medo de falhar na vigilância.

Enquanto isso, na cidade, Danny procurava pelos saloons alguma cara criminosa conhecida; alguém que pudesse fazer parte do bando de Blood Joe.

Não encontrara nada, nem bandidos, nem informações sobre eles.

Porém, quando empurrou as portas de vai-vém para entrar no Estrela Azul, sentiu que o sangue gelava. Não via o motivo e nem sabia porquê, ainda.

Danny aproximou-se do balcão, examinando o ambiente com os cantos dos olhos.

— Danny Montgomery! O que vai beber? — perguntou Ronald, antigo empregado desde os tempos de Meg.

— Coloque um uísque, Ronald.

Quando a bebida foi colocada à sua frente, notou que dois indivíduos mal-encarados enconstavam-se no balcão, junto a si, um de cada lado.

— Você é Daniel Montgomery? — cuspiu o mais alto, tipo de facínora, sem o encarar.

— Sou eu mesmo. Algum problema?

— Muitos problemas. Meu nome é Jim Amy.

Danny virou o uísque de uma só vez e murmurou:

— Não me parece estranho este nome...

— Lembra-se de Kid Amy, cachorro?

— Conheci um sujeito com este nome, mas não me parece que era cachorro. Parecia mais um abutre.

O rosto do pistoleiro contraiu-se para a esquerda, forçando uma aparência feroz.

— Kid era meu irmão! — bradou.

— Se fosse meu irmão, eu não falaria tão alto. É vergonhoso!

— Você procura chumbo!

— Não. Só buscava um pouco de diversão, mas se vier chumbo, não será mau.

— Pois trate de se defender!

Danny viu quando o outro pistoleiro, amigo de Jim, dirigia-se para o fundo, perto de uma mesa de pôquer. Sem dúvida procuravam colocá-lo entre dois fogos.

— Vou enchê-lo com tanto chumbo que precisarão vinte homens para levá-lo à cova! — espumou o bandido.

Sacou rapidamente o revólver e acionou o gatilho, mas Danny jogou-se por sobre o balcão, caiu por trás do mesmo e gritou:

— Ainda não foi desta vez, Jim!

— Maldito! Você só sabe lutar com dinamites?!

Como um relâmpago, Danny surgiu por trás do balcão e atirou. A bala estraçalhou a orelha esquerda do pistoleiro.

— Cachorro! — explodiu o alvejado, furioso.

— Desculpe-me. Errei o alvo. A bala era para morar no meio de sua testa.

O companheiro de Jim Amy, tal um lobo traiçoeiro, vinha pela retaguarda, rastejando, aproveitando-se da distração de Danny.

O cheiro de morte pairava no ar e brevemente se materializaria em algum cadáver sangrento. As balas choviam do Colt do facínora. O pouco caso que o adversário emprestava à luta o enfurecia, cegava.

— Ei, Jim! Sabe como alguns rancheiros marcam gado bravo em Montana? — perguntou Danny.

E sem esperar resposta, disparou novamente. Desta vez o endereço foi a orelha direita do patife.

— Não quero matá-lo, Jim! Você e seu amigo têm três segundos para sumirem da cidade e não cruzarem mais o meu caminho. Prometi não matar nenhum animal no dia de hoje.

Pegou um vidro cheio de conserva curtida em salmoura, fortemente arrolhado, e começou a contar:

— Um... Não há necessidade de juntar-se ao seu irmão, moço.

— Deixe de conversa e apareça, porco imundo!

Uma gargalhada surgiu por trás do balcão.

— Ótimo! Mesmo sem as duas orelhas, ainda consegue me ouvir! Dois...

— Vamos pegá-lo agora, Jesse! — gritou o bandido, todo empapado de sangue, para o amigo que vinha à traição.

Mas não tiveram tempo.

No instante em que Danny chegou ao número três, jogou o vidro de conserva bem alto, por sobre a cabeça de Jim e quebrou-o com um disparo certeiro. A salmora enxarcou o bandido, penetrando em seus ferimentos, ardendo e atrapalhando a pontaria.

Imediatamente Danny pulou para o salão, colocando-se entre os dois pistoleiros que atiravam sem parar. Como uma mola, bateu os dois pés no chão, abaixou-se, estendeu novamente as pernas e saltou para o lado.

Seu truque deu o resultado que esperava. Os bandidos acabaram destruindo-se.

* * *

Os primeiros clarões da alvorada surgiam, quando Angel acordou. Um forte puxão em

seu braço colocou-o novamente em contato com a realidade. Alguém arrebentara o barbante atravessado no meio da estrada. Ao mesmo tempo ouviu o galopar de alguns cavalos.

Passou a mão pelo rosto, mal-humorado, e conferiu:

— Sim, lá vão eles! Bandidos idiotas!

Saiu de dentro do tronco, jogou a manta nas costas e meteu-se por entre os arbustos.

— Levantar tão cedo só para roubar. Absurdo!

E caminhou de volta ao carroção, enfurecido.

capítulo 4

Ninguém prestava atenção àqueles dois bêbados sujos que pareciam dormir encostados na parede do banco. Embora o sol da manhã já se mostrasse forte, esquentando a poeira da rua, ambos mantinham-se enrolados em suas mantas, tal índios acampados à beira do fogo.

A nove horas, o barulho de vários cavalos andando a trote lento despertou, quase que imperceptivelmente, o olhar do bêbado mais forte.

— Prepare-se, Angel — disse ele. — Está na hora de trabalhar.

O rapaz puxou o chapéu sobre os olhos, colocando-o de maneira que o buraco nele existente lhe permitisse ver os inimigos. Ajeitou melhor as mãos sob a manta e continuou fingindo sono.

Dez cavaleiros pararam defronte o banco e, no instante em que o movimento era menor, puxaram o lenço sobre o rosto. Pareciam treinados exaustivamente. Ao mesmo tempo, sacaram seus revólveres e desceram dos cavalos. Apenas dois continuaram montados, vigiando.

Danny esperou que o restante do bando entrasse no banco. Em seguida, levantou-se cambaleando, oscilando como um pêndulo. Quem o visse juraria que gastava toda sua força para manter-se em pé.

A atenção dos dois bandidos vigilantes caiu sobre si.

— Fique quieto aí, bêbado dos infernos! — ordenou um deles, mais exaltado.

— O... o que foi... que você disse? — terminou de perguntar e fingiu que caia de bruços no chão.

Ninguém percebeu aquela flecha certeira que fulminou o pistoleiro mais alto. Algumas pessoas notaram apenas que o bêbado sentado

escondia alguma coisa rapidamente sob sua manta.

O bandido que discutia com Danny abriu a boca para xingar e morreu de boca aberta. A faca do rapaz acertou-o na garganta, transpassando-a.

Tudo transcorria em silêncio, como fora planejado. O restante da quadrilha no interior do banco ainda não dera conta que seu aniquilamento começara lá na rua.

Danny empurrou os corpos dos dois bandidos mortos para debaixo da passagem assoalhada e, como um gato, enfiou-se no meio dos cavalos. Já havia tirado a faca da garganta do defunto. Rapidamente começou a cortar a barrigueira das selas.

Ao sair do banco e procurar os lombos dos cavalos, Blood Joe e sua quadrilha teriam uma bela surpresa.

Porém o tempo mostrou-se curto. Fizera o serviço apenas em três animais quando alguns pistoleiros saíram atirando.

Danny jogou-se atrás de uma carroça e abriu fogo. No mesmo instante, Angel livrou-se de sua manta. Com uma coragem de assustar, ficou em pé à direita dos pistoleiros e fez seus Colts vomitaram fogo.

— Voltem para o banco! — gritou o chefe do bando. — É uma armadilha!

Três bandidos não ouviram a ordem, ou não quiseram obedecê-la. Pularam sobre os cavalos mais próximos. Enquanto dois se viam atirados ao chão por falta de apoio da sela, o terceiro seguia o mesmo caminho, porém por motivo diferente: muito chumbo no corpo.

No chão os dois bandidos tentavam proteger-se e atirar ao mesmo tempo. Um deles, sargento da cavalaria, deu o maior azar. Começou a engatinhar encostado ao assoalho do piso, procurando livrar-se dos tiros de Angel.

Não foi muito longe.

Só descobriu que a sorte jogava no outro time quando deu de cara com o punho de Danny. O choque foi debaixo para cima, colocando-o em pé, totalmente grogue.

— É seu Angel! — gritou Danny, vendo que o alvo era excelente para o amigo.

Porém Angel não disparou de imediato. Estava fascinado pelo espetáculo que o sargento oferecia.

O desgraçado, ainda no impulso do golpe recebido, girou sobre o calcanhar direito e tentou atravessar a rua. Entretanto sua falta de direção jogou-o rumo aos animais. Tateava à

procura de um ponto de apoio e encontrou-o justamente na anca do cavalo mais assustado. Este desferiu-lhe um coice tão forte na barriga, obrigando-o a voar em direção a Angel.

Seu vôo viu-se interrompido pelo tiro do rapaz. Uma bala no olho esquerdo o fez esparramar-se no chão quando faltava pouco para completar a viagem.

O outro bandido teve mais sorte: conseguiu furar o chapéu de Angel, enquanto este apreciava o espetáculo. Em compensação recebeu três tiros como troco que o alto de sua cabeça abandonou o resto do corpo.

Entre o povo algumas pessoas já se dispunham a ajudar os dois aventureiros, esperando, quem sabe, uma parte no prêmio oferecido.

— Quem está aí dentro, Danny? — perguntou o xerife, só aparecendo quando os três primeiros bandidos jaziam na poeira.

— É a quadrilho de Blood Joe.

Angel aproximou-se, sorridente.

— Não tem recompensa por estes cinco bandidos que matamos?

— Só vejo três cadáveres.

— Os outros dois estão sob o piso, devidamente falecidos.

Antes que o xerife respondesse, uma voz forte saiu de dentro do banco.

— Nós vamos sair — gritou Blood Joe. — Agarramos a filha do juiz. Se Alguém tentar impedir-nos, ela morrerá!

— Você não irá longe, Blood Joe! — berrou o xerife.

— Pior para a filha do juiz. Morrerá mais cedo.

Sally Heftner, a filha do juiz, apareceu pela porta do banco, fortemente segura. Sua cabeça repousava na boca do Colt de Blood Joe.

Enquanto os comparsas montavam em seus cavalos, ele avisou:

— Se ninguém nos seguir, talvez ela volte com vida.

— É um grande escudo para um bravo militar, Capitão Katze! — gritou Angel soltando fogo pelos olhos.

— Você me pagará caro, cachorro! — praguejou o bandido, sabendo que a máscara em seu rosto já não tinha mais serventia.

Fazendo com que Sally montase na frente, colocou o pé no estribo e galopou para fora da cidade, junto com a sobra do bando.

Os cavaleiros sumiram na estrada.

Danny bateu de leve no ombro do companheiro:

— Vamos, Angel! Não podemos perdê-los de vista.

— Certo, amigo.

— É bom recarregar o revólver. Talvez tenhamos confusão antes de andarmos duas milhas — instruiu o primeiro, pulando sobre o cavalo de um dos bandidos mortos.

Apressou Angel, que ainda se via atrapalhado com a manta:

— O que espera, sujeito? Depressa!

— Já vou, droga!

Escolhendo o mais bonito cavalo que sobrara, Angel Face apertou o chapéu na cabeça e correu, para saltar-lhe sobre o lombo.

— Esse não! — gritou Danny, desesperadamente, ao ver que o amigo escolhera o cavalo errado.

O aviso chegou tarde demais. Quando a última palavra soou, o amigo já se esborrachara no chão.

— Idiota! Tinha que escolher logo um cavalo com a barrigueira cortada?

Angel não se encontrava em condições de escutar mais nada. Além do tombo espalhafa-

toso, recebera no alto da cabeça todo o peso da sela.

Assustado com a condição que o outro demonstrava, pois mantinha-se esticado na poeira, estático, desacordado, Danny desceu rapidamente do cavalo. Ajoelhou-se e chamou:

— Angel! Acorde, Angel!

Alguns tapas no rosto e se convenceu de que o tombo fora mais grave do que pensara.

— Tragam um balde de água! — gritou à multidão que rodeava o local.

Ted Ferreiro ergueu o barril de água que usava para esfriar suas peças, levou-o para frente do banco e despejou-o sobre a cabeça de Angel.

Ele acordou com o choque da massa fria.

— Estou me afogando! — berrou e se debateu. — Salvem-me; não sei nadar!

— Calma, rapaz! Está tudo bem. Levante-se e sigamos atrás de Blood Joe.

Danny ergueu o amigo, segurando-o pelo braço e perguntou:

— Sente-se bem?

— Sim... Acho que sim...

— Ótimo! Monte outro cavalo. Os bandidos já estão com muita dianteira.

Largou o rapaz à mercê do seu próprio equilíbrio e voou para cima do cavalo.

Todavia Angel ainda estava mal. Quando colocou o pé no estribo, a perna que ficara no chão amoleceu.

Beijou a poeira pela segunda vez.

A paciência de Danny atingiu o limite. Olhou por sobre a multidão, descobriu Kendall e gritou:

— Leve-o ao médico, Kendall. Tente reanimá-lo e depois lhe diga para me seguir, quando estiver bom.

— Espere a patrulha, rapaz! — berrou o xerife.

— Até formarem uma, os bandidos estarão muito longe. Seguirei na frente.

* * *

A noite começou a encobrir as pegadas dos fugitivos. Uma aliada involuntária, mas preciosa, cheia de sombras e ruídos diversos.

Danny esforçava-se por não perder a trilha, ao mesmo tempo se preocupava com o estado em que Angel permanecera.

«Aquele pastor fracassado! Quando não arranja confusão para os outros, arruma-as para

si mesmo!» pensou, enquanto o cavalo marchava lentamente, talvez se guiando pelo cheiro dos outros animais. «Se tivesse uma pitada a mais de cérebro, seria um maluco perfeito».

Os pensamentos foram interrompidos por uma luz ao norte, brilhando entre as árvores de um bosque.

«O que será aquilo?» pensou de imediato. «Uma viajante, talvez, preparando-se para passar a noite? Pode ser o acampamento dos bandidos também».

Em todo caso fez o cavalo galopar rumo ao ponto que brilhava.

— É preciso muito cuidado, Danny — murmurava. — Se for a quadrilha de Blood Joe, o bosque vai pegar fogo. Como militar treinado, certamente colocou um comparsa de sentinela, para não ser surpreendido.

Parou o animal.

— Pode ser Angel, também. Deve ter recobrado a razão e tomado caminho diferente... Não. Ele jamais seria tão descuidado a ponto de acender uma fogueira durante a noite, sabendo que o Capitão Katze anda por perto.

Obrigou o cavalo a caminhar com cuidado em direção ao bosque.

Onde as sombras das árvores faziam uma

escuridão quase total, amarrou a montaria e pôs-se a escutar. Nenhum ruído humano. Somente o cantar de grilos e pequenos gafanhotos.

Meteu-se cautelosamente pelo meio das árvores, seguindo sempre em direção à luz da fogueira. Alcançou um lugar onde viu perfeitamente cinco homens sentados ao redor do fogo.

Sim, lá estava o que restara do bando após o assalto ao banco. Cinco dos pistoleiros facínoras do Oeste.

Mas... E Sally, onde se encontrava?

Rastejou alguns metros para a esquerda, não só procurando a moça como também estudando melhor a situação.

Quase emitiu um suspiro de alívio, ao descobrir a seqüestrada junto a uma enorme rocha, atrás dos bandidos. Estava amarrada e amordaçada. Temiam, talvez, que gritasse, que chamasse a atenção da patrulha. Poderia ser, também, que se cansaram do seu falatório. Era bem possível. Algumas mulheres quando amedrontadas, falam sem parar!

Katze não se mostrava tão risonho como no dia anterior. Sem máscara, sabendo que seus crimes foram descobertos, estampava no rosto a dureza e a crueldade do coração. Um lobo

acuado, cujo único trunfo era a vida de Sally.

Tanto ele quanto seus cúmplices sabiam que, se escapassem da patrulha, jamais teriam descanso em qualquer lugar do território americano. Haviam manchado a farda da cavalaria e seriam caçados sem piedade.

Danny pensou em pegá-los de surpresa, fulminá-los sem o menor aviso. Mas concluiu que a idéia não era boa. Alguns tiros poderiam matar a moça ou feri-la gravemente. Se por milagre isso não acontecesse, seria lógico supor que um dos bandidos se escudaria por trás dela.

— Se Angel estivesse aqui, poderia disfarçar-se de pedra e rolar até junto à moça — prosseguiu ele, falando com seus próprios ossos. — Depois de a desamarrar, cairíamos sobre os bandidos, liquidando-os... Já que não está, a tarefa cabe a mim mesmo.

Rastejou para mais perto do bando.

A conversa dos bandidos revelava que se encontravam à beira do desespero.

— Não lhe disse que já era hora de parar, Blood Joe?! — exclamou um componente do grupo, não sabendo se sentava, levantava ou andava. — Agora perdemos tudo! Se nos contentássemos com o resultado dos outros assaltos, poderíamos dar baixa na cavalaria e vi-

ver tranqüilos. Mas tínhamos que fazer mais um trabalho, não é?

— As chances ainda não se foram, Richard — respondeu Blood. — Pegaremos os outros saques e fugiremos para o México.

— Bela saída! Não sairemos do Colorado sem que nos transformem em defuntos!

— Você está muito preocupado — comentou o chefe, levantando-se e colocando a mão esquerda no ombro de Richard.

As feições do líder mostravam-se calmas. Um verdadeiro condutor de homens. Naquela hora de aflição, umas palavras de estímulo ao assustado Richard seriam o melhor remédio.

Porém as palavras não vieram. Em seu lugar surgiu a mão direita de Blood, fechada, mortífera como um coice. Acertou o maxilar do rapaz com tal fúria que a dentadura deste projetou-se para frente como um foguete e bateu num objeto à esquerda de Sally. Depois retornou para o meio da clareira.

— Sempre me disseram que a melhor resposta para um tolo é o silêncio, mas eu lhes digo: a melhor resposta para um idiota que não pára de falar é um murro bem dado em sua boca.

Estonteado, Richard foi em busca dos seus

dentes. Esperava encontrá-los sorrindo para si. Contudo, ao ver que a dentadura se espatifara conseguiu apenas murmurar:

— Ela... espatifou-se toda...

Depois, sentou-se desanimado em seu antigo lugar.

Aproveitando a discussão, Danny arrastou-se para junto da moça, por entre os arbustos. Começara a cortar as cordas que a imobilizavam quando sentiu aquela pancada dura é úmida contra sua testa.

* * *

A dentadura de Richard pegou-o de jeito.

Um pouco estonteado pela pancada, colou-se por inteiro no chão, buscando recuperar-se e esconder-se ao mesmo tempo.

Nunca, em toda a vida pensou em ser agredido com uma dentadura. Era o máximo!

Por fim voltou ao trabalho, silencioso, com calma. Cortou as cordas e sussurrou à moça:

— Siga-me em silêncio. E não tire a mordaça até nos colocarmos em segurança. Assim terei a certeza de que não falará por alguns instantes.

Afastaram-se sem que os bandidos notassem.

Ao atingir uma distância mais segura, Danny retirou o lenço que calava Sally e, ainda andando, sussurrou:

— Siga em frente. Meu cavalo está amarrado logo adiante. Monte nele e só pare de chicoteá-lo quando chegar em Denver, entendeu?

— Sim, mas...

— Não fale; só escute. Você sabe o caminho para a cidade?

Ela manteve-se calada.

— Perguntei se sabe o caminho? Diga apenas sim ou não.

— Sim.

— Ótimo! Se encontrar um vagabundo com cara de santo, pergunte-lhe se o seu nome é Angel. Caso seja, diga-lhe que venha para cá o mais rápido possível, ou não encontrará seu amigo Danny com vida.

— Você agüentará o fogo até ele chegar?

— Não sei. Agora siga rápido. Quando os bandidos descobrirem a sua fuga, derrubarão árvore por árvore, até encontrá-la. Não perca tempo.

Chegaram junto à árvore, onde o animal se encontrava amarrado.

Danny ajudou-a a montar e fustigou o cavalo.

Neste momento um dos bandidos berrou:

— A moça fugiu, Blood!

— Maldita! Vamos procurá-la antes que saia do bosque — ordenou o chefe.

— As cordas foram cortadas. Alguém ajudou-a.

— Procurem! Passem fogo em qualquer coisa que se mexer.

Atrás de uma árvore Danny tentava localizar um alvo para atirar, mas foi descoberto primeiro.

— Aqui, Blood! O sujeito está aqui! — bradou um pistoleiro, apertando o gatilho.

A bala tirou lascas da árvore, perto de sua barriga.

Para dar confiança ao bandido, Danny gemeu alto, fingindo que acusava o tiro.

— Peguei-o! — tornou a gritar o pistoleiro.

Ao dar o primeiro passo para acabar de uma vez o serviço, abandonou a precaução e se expôs.

Um balaço acertou-o no peito, tirando-lhe

da cabeça qualquer idéia de luta, e do corpo, qualquer sinal de vida.

— Richard, você o matou?

A voz do indagador era confiante.

Mas o silêncio respondeu que não tinha matado.

— Diabos! Onde você está, Richard?

Nenhuma resposta.

— Vamos cercá-lo. Não o deixem escapar! Se a moça estiver junto, matem-na também.

Danny protegeu-se atrás de um tronco caído. Os bandidos pararam de atirar. Sabiam que, no escuro, seus tiros serviriam somente para indicar onde estavam.

A situação não se mostrava nada animadora. Conseguissem cercá-lo e teria poucas chances de escapar.

Subitamente uma voz avisou:

— Ele está aqui!

E os tiros voltaram a espocar dentro da noite.

Blood Joe e seus dois outros comparsas correram para o lugar do encontro.

— Idiota! — praguejou o chefe. — Você matou o cadáver de Richard!

— Como eu iria saber, chefe? Ele ficou enroscado nestes espinhos...

— Está bem! Continuem procurando.

E a caçada reiniciou.

Andando abaixado, com passos cuidadosos, Danny tentou aproximar-se da clareira. Pretendia pular sobre um cavalo e espantar os outros. Deixando-os a pé, facilitaria as coisas, até a patrulha ou Angel chegar.

A dois metros da clareira, o destino o fez pisar sobre uma armadilha para lobos. Os dentes penetraram fundo em sua perna. Soltou um grito misturado com palavrões e desmaiou.

— Matt! Bill! Lic! O que aconteceu? — gritou Blood, assustado com o grito.

Os três responderam quase que em coró:

— Não sei.

— Verifiquem, então, seus cretinos!

Em poucos segundos Bill exclamou, alegre:

— O sujeito está aqui Blood. Caiu numa armadilha e desmaiou:

— Arraste-o para junto do fogo.

Quando a claridade incidiu sobre o prisioneiro, Blood amaldiçoou:

— Inferno! É Danny Dinamite!

— É o tipo que estava na porta do banco atirando em nós! — assustou-se Lic. — Vi quando ele matou o Alan.

— Dan sempre anda com outra víbora,

chamada Angel Face! Tratem de procurá-lo. E a garota também. Se os encontrar, metam fogo. Você fica comigo, Bill. Precisamos interrogar este palhaço, antes de o matar. Talvez tenha alguma informação que nos seja útil.

Lic apontou para o corpo sem sentidos do rapaz e pediu:

— Deixe-me matá-lo, Blood. Alan era meu amigo.

— Depois que o interrogarmos, ele será seu. Agora vá com Mat e liquide os idiotas que estão no meio da mata.

* * *

Um cantil de água derramado sobre o rosto de Danny trouxe-o novamente ao mundo dos acordados. Junto com os sentidos, veio a tortura provocada pelos dentes de aço da armadilha a cravar em sua perna. Músculos dilacerados, sangue correndo em pequena quantidade, mas uma dor insuportável.

— Como se sente como um coiote pego na armadilha, Danny? — perguntou Blood, com um sorriso irônico.

Atormentado pelas garras de aço e temendo falar o que não devia, o rapaz calou-se.

— Onde está Angel Face? — tornou Blood.

Teria que inventar alguma resposta. Se dissesse que deixara o companheiro meio grogue na cidade, sua vida teria poucos minutos de duração.

Bill pegou a pônta da corrente que prendia a armadilha e puxou-a violentamente.

O tormento quase o colocou novamente sem sentidos. Carne rasgada, comprimida, o sangue a escapar em maior quantidade.

— Vamos, imbecil! Onde está seu amiginho?

— Por aí... — gemeu Danny.

— Quem descobriu que o nosso bando era formado por elementos da cavalaria? Foi você?

Blood, assustado com a fama do aventureiro, mostrava-se mais inquieto agora. As labaredas refletiam-se em diversos pingos de suor que lhe escapavam do rosto.

Antes mesmo de receber a resposta, tornou a indagar:

— Quantas pessôas sabem esse segredo?

— Não sei.

— Está mentindo!

Virou-se para Bill e ordenou:

— Faça-o falar!

— Isso não importa muito, chefe. Toda a cidade deve saber que o Capitão Katze e Blood Joe são as mesmas pessoas. Não escutou quando aquele cara-de-virgem aborrecida identificou-o na porta do banco?

— Se soubermos a verdade, talvez possamos encontrar uma saída que não seja a fuga para o México.

— Voltar ao forte? — perguntou Bill, sem acreditar numa resposta positiva.

— Talvez sim. Tudo depende do que a cidade sabe.

Ajoelhou-se ao lado de Danny e tentou ganhá-lo com uma conversa macia:

— Escute, rapaz: sempre fui seu amigo quando me fantasiava de capitão da cavalaria. Ouvia com satisfação as estórias que contavam suas aventuras. Porém nunca imaginei que um dia nos defrontaríamos.

— Acha... acha que isso é um confronto?

— É um confronto, felizmente com todas as vantagens para mim. Mas isso não importa. Você já deve ter raciocinado que o restante do meu bando não lhe tem muita simpatia. Os

homens querem arrebentá-lo pelas mortes que provocou.

— Se eu colaborar, vocês chamarão um médico, pedirão um autógrafo e me deixarão voltar para Denver com minha própria vida, não é isso?

— Não chegaremos a tanto, mas prometo-lhe que sua morte será rápida, sem tortura. O que me diz?

Danny não disse nada. Respondeu com uma cusparada que acertou em cheio no rosto do bandido.

A reação foi automática: um chute desferido com o bico da bota sobre as garras da armadilha.

— Cachorro!

Blood Joe tornara-se mais violento ainda.

Neste momento Lic e Mat voltaram com más notícias:

— Não encontramos ninguém, chefe.

— Nem o cavalo de Danny?

— Nada. Nem moça, nem cavalo...

— Inferno! Vamos torturá-lo e arrancar-lhe a verdade. Amarrem-no naquele galho de árvore, de cabeça para baixo.

— Traga-me uma corda, Lic — pediu Mat.

— Não precisam de corda — prosseguiu

Blood. — Amarrem-no com a corrente da armadilha. Quero ver até onde ele agüentará o sofrimento dos dentes de aço se enterrando em suas carnes.

Lic fez ar de entristecido, pegou a ponta da corrente na mão e murmurou:

— Sinto muito ter que lhe fazer estes carinhos, moço.

E subitamente desferiu violenta correntada na barriga de Danny.

— Puxa! Foi sem querer! — desculpou-se cinicamente.

A mortificação daquela pancada juntou-se ao martírio provocado pelas garras da armadilha. Uma espécie de entorpecimento, perda de sensibilidade, começava a subir da perna para o resto do corpo. Mas a dor não diminuía.

Por momentos Danny pensou que não tinha mais aquela perna. Em seu lugar, instalava-se um peso desgraçado, feito de angústia e dores.

Como se fosse um cachorro sarnento amarrado pela perna, Danny viu-se arrastado pela corrente. Não um arrasto contínuo, mas sim uma série de puxões que, pouco a pouco, trituravam os tecidos já empapados de sangue.

Começou a emitir uma praga, uma revolta, mas não o conseguiu: um tranco mais forte na corrente o colocou novamente sem sentidos.

Blood perdeu as estribeiras com mais aquela demora.

— Acordem-no, seus idiotas! Como poderá contar-nos qualquer coisa, se desmaiou?

— Não temos mais água, chefe.

— Pois façam outra coisa qualquer: urinem sobre ele, metam fogo em sua roupa, quebrem-no de pau até acordar.

Mesmo sabendo que pouco adiantaria moer o rapaz com pancadaria, a sugestão do chefe encontrou eco no desespero de seus homens.

Como uma matilha de lobos famintos avançaram sobre Danny esmagando-o com murros, golpes de revólver, pisões, chutes...

Abriram novas minas de sangue naquele corpo inerte.

* * *

De repente o diabo pulou para o meio da clareira, vomitando fogo pelas bocas de seus dois Colts.

— É Angel Face! — berrou Blood, tentando esconder-se. — Matem-no.

A confusão e o terror tomaram conta dos bandidos.

Bill, que no momento do ataque se refazia das pancadas distribuídas sobre Danny bebendo uísque na garrafa, teve morte mais rápida. E mais estonteante.

Um dos tiros de Angel quebrou a garrafa, deixando em seus lábios apenas o gargalo. Nem tivera tempo de se desfazer do pedaço de vidro quando outra bala empurrou o gargalo por sua garganta. O chumbo saiu pela nuca e esparramou as brasas da fogueira; o caco de vidro não quis sair. Limitou-se a abrir um enorme corte na garganta, enchendo-o depois com sangue, fazendo sobre o pistoleiro um riacho vermelho.

Ajudados pelas sombras da noite e movidos pelo pavor da súbita aparição, os três outros bandidos fugiram atirando e gritando.

Antes que pegassem os cavalos, Angel ainda conseguiu arrancar o chapéu de Blood, com um balaço certeiro. Não o matou, mas se não

encontrasse abrigo naquela noite, sua careca sofreria muito com o frio e orvalho.

Com muita força e cuidado, Angel abriu as garras da armadilha e livrou a perna de Danny.

— Ferida feia, companheiro! — exclamou.

O outro ainda continuou desacordado.

— Fique calminho aí. Vou pegar a bolsa de remédios no cavalo e curaremos estas coisas aí, agora mesmo.

Puxou seu animal para dentro da clareira, enquanto resmungava:

— Por sorte o velho Kendall o encilhou, amigo. Se pegasse o cavalo de algum bandido na porta do banco, teria que fazer uma pasta qualquer de plantas para colocar nas machucaduras do Dan.

Tirou a bolsa de remédio, deu um banho de álcool na perna machucada e continuou falando, como se o amigo pudesse ouvi-lo:

— Lembra-se daquela vez que preparei um emplasto com plantas para curar o tiro que levou de raspão nas nádegas, Dan? Macacos! Como você pulava! Foi até engraçado... Só

depois soube que, por distração, eu pegara algumas pimentas no meio das folhas!

Angel foi até junto ao cadáver de Bill, rasgou várias tiras de sua camisa para proteger as feridas do amigo:

— Pelo menos depois de morto servirá para alguma coisa, sujeito desequilibrado! E se dê por muito feliz. Não é qualquer pessoa que tem o privilégio de ser morta por um ex-pastor como eu. Minhas balas são sagradas.

Terminou dê cobrir as feridsa causadas pela armadilha. Em seguida, com um pano cheio de álcool, pôs-se a limpar as outras contusões do rosto e da barriga, provocadas pela pancadaria covarde ordenada por Blood.

— Parece que você ficou no meio de uma manada de búfalos assustada, irmão.

Ao sentir o frio do álcool, Dan acordou.

— É... é você, Angel?

— Pensou que fosse o Arcanjo Gabriel?

— Pela primeira vez na vida fico contente em ver você.

— Já disse isso outras vezes. E sempre foi a primeira. Agora fique quieto e deixe-me terminar o tratamento.

— E os bandidos? Fugiram?

— Um não conseguiu. Três estão por aí, procurando um buraco para enfiar a cabeça.

— É preciso pegá-los, amigo!

— Eu sei, eu sei! Primeiro o levarei de volta à cidade e depois virei caçá-los.

— Nada disso!

Escorando-se no companheiro, Danny começou a levantar-se.

— Ajude-me a montar. Deve haver alguns cavalos dos bandidos que morreram, por aí. Iremos caçá-los agora.

— Você não está em condições de caçar nem passarinho.

— Mas... Não entende, Angel? Será que não sarou do tombo ainda? Quanto mais demorarmos, mais difícil será apanhá-los!

Angel foi ao local onde os facínores deixaram seus cavalos, escolheu um bem manso e voltou para junto do amigo.

— Você pode manter-se na sela?

— É claro!

— Muito bem. Vou montá-lo e, despachá-lo para Denver. Não tente seguir-me. No es-

tado em que se encontra, só atrapalhará. Deixe os bandidos por minha conta.

* * *

Os pensamentos de Blood Joe, após distanciar-se algumas milhas do local, sofreu um desvio repentino.

Parou seu cavalo perto de uma rochas, sob algumas árvores, e disse aos companheiros:

— Pouco nos adiantará correr como loucos rumo à fronteira mexicana. Se a cavalaria e o exército de todo o país já foram avisados, a dificuldade será a mesma. Tanto faz atravessarmos hoje, como daqui a um ano.

— Quanto mais demorarmos para atravessar, mais a vigilância nas cercanias da fronteira diminuirá — afirmou Lic.

— Em compensação a possibilidade de sermos apanhados dentro do território americano será maior — assegurou Mat, colocando um naco de tabaco na boca e começando a mastigar.

Blood passou a mão pela careca úmida:

— Esta possibilidade será dobrada se dei-

xarmos Angel e Danny vivos. Depois do que fizemos com Danny, seremos procurados em cada buraco deste país.

— Por que não me deixou matá-lo, então? — tornou Lic.

— A ocasião não era boa.

— E agora piorou.

— Ao contrário. Penso que melhorou muito. Se conheço aqueles dois tão bem como imagino, neste instante já nos perseguem como gatos famintos.

— Não vejo por que melhorou a situação — censurou Mat.

— Você nunca vê nada! O único realmente em condições de nos atrapalhar é Angel. O outro encontrava-se quase morto, quando fugimos. Se nos perseguirem, como penso, Danny será mais uma carga para atrapalhar o amigo.

— Vamos emboscá-los?

— A idéia é essa.

— Depois poderemos fugir com mais tranqüilidade para a fronteira mexicana.

Mat continuava preocupado:

— Acho que é uma besteira perdermos

tempo com estes dois. A cavalaria e a patrulha nos pegarão com maior facilidade.

— A cavalaria não mete medo. Conhecemos perfeitamente os seus métodos. Só conseguirá alguma coisa se nos colocarmos em seu caminho. A patrulha sim, poderá complicar as coisas, mas não tanto quanto nossos diabólicos inimigos.

Faltava pouco para o nascer de um novo dia. Os primeiros indícios da aurora jogavam cores alaranjadas, fracas, de encontro ao céu escuro.

Os vultos das montanhas e das rochas ganhavam contornos mais nítidos, revelando pequenos montes, desfiladeiros, começos de perigosos precipícios, passagens estreitas.

— Qual é o melhor lugar para atravessarmos a fronteira, se conseguirmos chegar até lá? — perguntou Mat.

— El Paso, no Texas, é o melhor. Dificilmente acreditarão que nossa audácia chegue a tanto. Como é um lugar fácil de ser vigiado, a fiscalização tornar-se-á falha.

— El Paso... Não sei, não... Ninguém pode reclamar das mordidas se entrou no co-

vil dos lobos. Para mim, deveríamos esquecer Danny e Angel e começar a corrida rumo ao México, porém o mais distante possível de El Paso.

— Pare de resmungar como uma velha, Mat. Já se esqueceu de que foram estes dois que mataram nossos amigos? Para nossa própria segurança e vingança, devemos limpar dos rastros deixados, qualquer vestígio de Danny e Angel. E a única maneira de fazer isso será enfiar uma bala em cada cabeça.

— Blood tem uma conta particular para ser cobrada de Angel, Mat — disse Lic, com um sorriso cínico.

— É o caso da mulher ainda, Blood?

— Exato. Mas isso...

— Provavelmente nunca mais verá sua mulher, chefe! Esqueça tal coisa. Não será matando um homem que conseguirá cortar os chifres de sua própria cabeça. E agora, depois deste golpe errado, a coisa piorará mais ainda.

— Isso são águas passadas — comentou Blood. — Mas não resta dúvida que a morte de Angel terá para mim um sabor duplo.

— Muito bem. Já que ficaremos por aqui,

esperando-os, não seria mais lógico passarmos de caça a caçadores? Quanto mais depressa os liquidarmos, maiores chances teremos de chegar à fronteira sem nos depararmos com a patrulha.

— Isto! Vamos separar-nos e agir. Não é preciso dizer-lhes que o maior cuidado possível será pouco, em se tratando de pessoas como estes dois. Não lhes dê chance alguma. Se conseguirem pegá-los pelas costas, a possibilidade de matá-los será maior.

Quando o cavalo de Danny enterrou-se na escuridão, a caminho de Denver, Angel preparou-se para a perseguição.

Sabia que o trabalho não mostraria facilidade alguma. Os bandidos, amedrontados, responderiam, com bala a qualquer tentativa de aproximação. E nem poderia ser de forma diferente. O lobo ferido esconde-se da melhor maneira possível, mas ataca à menor suspeita de perigo.

— Muito bem, companheiro — disse ele jogando as pernas sobre a sela e dando ordem ao animal para que andasse. — Vamos procurar as pegadas dos coiotes. Mas tenha

cuidado; se o seu amigo Angel receber uma bala traiçoeira e for obrigado trocar o Oeste pelos campos do Senhor, Danny o venderá para a fábrica de cola no mesmo dia.

O cavalo seguia trotando, passando na trilha mais possível de ser a dos fugitivos.

Atento, mas ao mesmo tempo despreocupado, Angel murmurava alguma coisa parecida com o canto quarto, do Cântico dos Cânticos:

> «Eu vim para o meu jardim, irmã minha esposa. Comi o favo com o meu mel; bebi o meu vinho com o meu leite. Comei, amigos, e bebei, e embriagai-vos, caríssimos.»

Os pássaros madrugadores aumentaram o volume de suas vozes para não escutar tanta desafinação musical. Um coiote ganiu como cachorro chutado e continuou uivando até a voz de Angel perder-se na distância.

Para os habitantes das matas aquele barulho irritante significava um dia difícil, prenúncio de catástrofe, mau agouro. Poucos se arriscariam a sair de seus covis.

— Ouve como os pássaros e os animais acompanham-me na canção, Salomon? — perguntou ele, dando um leve tapa no pescoço do seu cavalo.

E abrindo o peito, estimulado pelo engano, pôs-se a berrar mais alto.

Embora vivendo desde potrinho em meio aos exageros de Angel, Salomon nunca se acostumara com aquela desvirtuada paixão pela música. E quando o cavaleiro resolveu aumentar o volume da voz, aquilo feriu sua sensibilidade. Arrancou violentamente para diante e disparou na trilha.

este momento um tiro surgiu por entre as rochas, visando à cabeça de Angel.

capítulo 5

O súbito arranco do cavalo atirou Angel no chão. A bala passou raspando, perdeu-se por entre as árvores.

Tal um caracol, Angel enrodilhou-se e, no embalo da queda, rolou pela pequena colina que se iniciava na trilha. Tinha a obrigação de livrar-se daquela emboscada, caso contrário jamais espantaria os animais silvestres com a harmonia de sua voz.

Efetivamente Angel não se encontrava em momento de riso. No fim da descida, quando

terminou de rolar, bateu com as nádegas num espinheiro.

— Maldição! Quando me ensinou este truque, o Cacique Nuvem Negra não me avisou que poderia dar com o traseiro onde não devia! E como dói, caramba!

Percebendo movimentos na base da colina, Mat tentou alvejá-lo novamente. Abriu fogo com sua Winchester.

Angel protegeu-se atrás de uma rocha. Tentou tirar os espinhos das calças.

— Como sofre um caçador de recompensas!

A dúvida deixara Mat aterrorizado. Não sabia se os outros disparos acertaram o alvo. Os movimentos percebidos no início não mais existiam.

«Aquele demônio escondeu-se, só pode ser isso!», pensava sem despregar os olhos da moita de espinhos. «Blood e Lic já deveriam ter chegado, para ajudar-me! Será que não escutaram os tiros?»

Naquele instante Angel procurava contornar a colina. Quase ajoelhado, avançava em meio aos arbustos.

— Interessante... Só uma pessoa está atirando. Talvez a deixaram para trás. Preciso agarrá-la e saber onde estão os outros.

Temeroso, Mat abandonara a vigia e montara em seu cavalo. Queria fugir, encontrar um lugar onde pudesse balear com maior segurança o endiabrado inimigo.

Porém, quando se ajeitou na sela, Angel surgiu por trás e, num pulo, agarrou-o pela camisa. Com um puxão, jogou-o ao solo.

Mat sacou rapidamente seu revólver, mas antes que pudesse dar no gatilho, recebeu um chute na mão. A arma voou para o meio dos arbustos.

— Nada de tiros, satanás! — ordenou Angel, desferindo um golpe violento no olho do bandido.

Em seguida agarrou-o com uma gravata pelo pescoço. Apertando-o indagou:

— Onde estão os outros?

— Não sei... — mentiu o prisioneiro, quase sem fôlego.

— Acho bom dizer logo. Para mim você vale tanto vivo quanto morto.

Angel estava prestes a dar um soco no

queixo do bandido quando este livrou um braço, ergueu-o e agarrou-o pela nuca. Os dedos se fincaram enérgica, doloridamente, como se fossem garras de aço dilacerando o músculo.

A dor o fez apertar ainda mais a gravata. Um esforço desesperado para livrar-se do problema.

Sem fôlego, afrouxou um pouco a pressão dos dedos de Mat.

— Como estão seus dentes, cachorro? — praguejou Angel, colocando mais força no golpe.

O bandido não respondeu. E nem o poderia fazer, visto encontrar-se sufocado.

Quando sentiu que o momento chegara, soltou a gravata. Imediatamente agarrou o bandido pela camisa, virando-o de frente para si. Seria o murro mais forte que distribuía naqueles últimos dias.

Ficou só na intenção.

Um tiro de rifle pipocou atrás de uma pedra e raspou o biceps de Mat.

— Acertaram meu braço!

— Essa bala era dirigida a mim — murmurou Angel, confuso.

Aproveitando o espanto do rapaz, Mat virou-se e acertou-lhe um tremendo soco no rosto.

— E isso também é! — avisou.

A pancada jogou-o para trás. Bolinhas de várias cores dançaram diante dos seus olhos e, por instantes, não esboçou qualquer ação coordenada.

Ao levantar-se, Mat já fugia em desabalada carreira sobre seu cavalo.

A manhã mostrava-se bastante clara. Prenunciava um dia terrivelmente quente, tanto na bala quanto no sol.

E não demorou muito para as coisas começarem a ferver.

Blood e seus dois comparsas saíram do bosque atirando como loucos, tentando costurá-lo ainda no chão.

Angel abriu fogo contra eles, obrigando-os a parar. A distância era muito grande para um tiro de revólver. Sua Winchester encontrava-se na sela, sobre o lombo de Salomon.

Já se enrodilhava novamente, para descer

a colina, quando se lembrou dos espinhos. Mudou de idéia. Pulou atrás de uma rocha e disparou contra os bandidos.

Depois, correndo de abrigo em abrigo, foi subindo o monte. Não poderia demorar muito. Descobrissem o que pretendia e, a cavalo, eles chegariam ao cume na sua frente.

— Não adianta esconder-se, patife! — gritou Blood. — Seu fim está próximo.

Para enervá-lo ainda mais, respondeu:

— Vai-me matar com os chifres, bandido?

Blood descarregou a Winchester em direção às pedras onde imaginava encontrar-se Angel.

— Vou pregá-lo nas rochas com pregos de chumbo, maldito!

— Sua mulherzinha não gostará. Ela lhe presenteia com duas armas mortíferas e pontudas, e você as despreza sem mais nem menos.

Tentou passar para outra rocha que oferecia melhor abrigo, mas a cortina de chumbo era cerrada.

Tinha de acalmá-los um pouco, antes de fazer a corrida.

A maior carga vinha de uma pedra redonda. Certamente a escolhida por Blood.

Descarregou o colt, tirando faíscas da rocha.

O tiroteio em sua direção diminuiu. Era o que esperava.

Correu rapidamente para o lugar desejado. Atrás de si formou-se um verdadeiro rabo de tiros revolvendo a terra.

— Vamos separar-nos e cercá-lo — disse Blood aos companheiros. — Precisamos matá-lo o quanto antes.

Arrastaram-se como serpentes por entre as pedras.

Angel já estava cheio com aquela história. Mesmo assim permaneceu um pouco mais em seu esconderijo. Os bandidos sabiam onde se encontrava, mas se arriscariam muito se procurassem ganhar um local melhor para acertá-lo.

— Blood! Você ainda está aí ou já fugiu da briga? — perguntou ele, gritando para as pedras.

— Quer-se entregar, covarde? — respondeu Blood.

— Quero reformar sua alma antes de matá-lo.

Colocando no peito toda aquela pose, aquela impostação na voz que utilizava quando encaminhava os pecadores para um caminho melhor, Angel berrou:

— Sua alma está suja de ódio, de sangue, de ciúmes, pecador! O inferno será pouco para para queimar todos seus pecados!

— Cale essa boca, filho de uma cadela!

— O ciúme e o ódio são as mais terríveis doenças da alma. Arrependa-se antes de embarcar para a viagem final!

Em resposta, os tiros voltaram a assobiar por sobre a rocha onde ele se protegia.

Assustada com o barulho, uma cobra inofensiva saiu de seu buraco e começou a passar por sobre a bota de Angel. Com muito cuidado ele segurou-a por trás da cabeça, deixando que o resto do corpo se enroscasse em seu braço.

Descobriu onde um dos bandidos se encontrava, estudou bem a disposição das pedras, os possíveis lugares por onde o outro poderia fugir e pensou:

«Este será o primeiro a seguir para o inferno».

Com o corpo um pouco levantado, levou o braço para trás e arremessou a cobra em direção ao facínora.

Mat soltou um grito terrível:

— Blood! Estão chovendo cobras!

Para livrar-se daquele ataque inesperado, tentou correr pela direita, atirando no ofídio.

— Cuidado, Mat! — berrou Blood, sabendo que o amigo se expunha demais.

O aviso chegou tarde. Mat não teve tempo para retornar ao abrigo da rocha. O tiro de Angel chocou-se violentamente contra seu peito, rasgando as carnes.

— Um já foi, Blood!

— Maldito!

— Se quiser ser o próximo, é só avisar.

Com o lado anteriormente protegido por Mat, possibilitando-lhe passagem, rastejou naquela direção. Contornou as pedras e, curvado, empreendeu uma lenta e cuidadosa caminhada. Queria surpreender Blood pela retaguarda.

«Um tiro seria muita misericórdia para este

assassino. Pretendo levá-lo com vida para Denver», pensava Angel, enquanto se movimentava com a cautela de um índio. «A corda do xerife precisa trabalhar um pouco.»

Quando atingiu o local pretendido, apontou para a cabeça do bandido e ordenou com dureza:

— Largue o rifle, Blood. E nada de movimentos bruscos senão morre ai mesmo.

— Canalha!

Blood deixou a arma cair à sua frente.

— Agora solte o cinturão, bem devagar...

— Você ainda não ganhou a guerra, moço — falou Blood, pálido como um lençol.

— Quero deixar esta honra para o xerife e sua forca.

— Forca? Está brincando...

— A população de Denver precisa divertir-se um pouco. Não seria correto aproveitá-lo para um espetáculo intimo.

Blood já não era o mesmo assassino sanguinário. A proximidade da morte além de retirar o sangue do seu rosto, substituira-o por gotas de suor.

— Esquece... esquece que sou um militar,

um oficial da cavalaria?

— Um oficial procurado, isso eu sei.

— Então deveria saber que a Corte Marcial tem prioridade sobre o meu destino. E não é norma da cavalaria permitir que civis apreciem o fuzilamento de seus soldados.

Angel esquecera-se deste particular. Uma lembrança muito triste. Indecente, até. Não teria oportunidade de vingar as torturas infligidas a Danny; nem o gosto de vê-lo balançar na ponta de uma corda desfrutaria.

— Somente uma mulher bonita alegra-me mais do que ver um assassino ser enforcado. Como você mesmo me lembrou, não terei o prazer de vê-lo com um colar de cânhamo. Portanto, seu patife, vamos resolver isso à bala.

Blood apontou para seu cinturão no chão.

— Você mandou-me jogar o revólver fora...

— Pegue-o! Mas com muito cuidado. Coloque o cinturão bem lentamente. Vou-lhe dar uma chance de lutar como homem decente, coisa que você nunca foi.

Blood colocou seu cinturão.

— Vai-se arrepender deste ato, pastor de ratos!

Guardando o revólver, Angel avisou:

— Pode sacar no momento que desejar.

Houve alguns instantes de silêncio. Ninguém se moveu.

Angel não sabia qual era a possibilidade de Blood no manejo da arma. Nunca o vira sacar. Nem notícias disso recebera. E se fosse mais rápido do que ele? Consideravam-no um pistoleiro sanguinário, cruel... Será que a rapidez incluía-se nestes defeitos?

* * *

O medo de Blood, porém, era maior do que o receio de Angel. Seu rosto bànhava-se de suor. O silêncio do desafiante confundia-o.

Aquele rosto de garoto crescido, onde dois olhos brilhavam como ferro em brasa, gelava-lhe o cérebro e o sangue.

De repente aconteceu.

O bandido abaixou rapidamente a mão direita, à procura do revólver. Quando tocou no cabo, o colt de Angel já vomitava fogo.

Blood soltou um grito terrível, arrepiante.

mas inútil. A bala penetrou em seu rosto, destruindo completamente a cavidade ocular direita. A dor foi terrível. Um rio de sangue começou a minar pelo buraco vazio.

O pouco de cabelo que tinha na parte traseira da cabeça voou para longe, impulsionado pelo chumbo ao sair.

Que espasmos terríveis tomam conta de uma pessoa que recebe um balaço no olho direito!

O facínora caiu de cara no chão, agitando-se, debatendo-se. Por fim, imobilizou-se, estirado sobre a lama formada pelo seu próprio sangue.

Angel ainda disse algumas palavras por intenção da alma do pistoleiro. Depois saiu correndo. Lembrara-se de que ainda existia Lic, devidamente armado, em algum lugar da colina.

Escondeu-se atrás de uma enorme rocha. Em seguida, com mais cautela, procurou outro lugar em melhores condições.

Lic apareceu gritando como um desesperado.

— Chefe, onde você está?

Não recebeu nenhuma resposta. Blasfemou:

— Demônios, Blood! Onde se meteu você?

Só então compreendeu que algo de errado havia acontecido. O silêncio era por demais revelador.

Seguiu em frente, tropeçando, olhando para os lados. Sua aflição aumentava.

Pouco mais adiante seus pés enroscaram-se num fardo mole, grande.

Petrificou-se ao reconhecer o cadáver no chão:

— Blood! Você... Você também?

Embora o cérebro lhe dissesse para correr, para sair dali como um búfalo em fuga, os olhos não se desviavam daquela cena apavorante.

— Agora estou... sozinho... Você não podia deixar que isso acontecesse, chefe! Não podia!

Alterado pelo terror, abaixou-se e agarrou o peito da camisa do cadáver. Sacudiu-o com fúria. Berrou:

— Não podia, Blood! Não podia!

Súbito compreendeu a inutilidade do seu desespero.

Largou a roupa do defunto, mordeu os lá-

bios e levantou-se com o semblante desvairado.

— Prometo que o vingarei, chefe. Você e toda a quadrilha serão vingados pelo velho Lic.

Escondeu-se entre duas grandes pedras.

Agora Angel parecia-lhe o diabo em pessoa. Primeiro mandara seu cúmplice chamado Danny Dinamite. E o bando reduzira-se a quatro homens. Depois, ele própro apareceu, salvando o amigo da difícil situação em que se metera... E toda a quadrilha desmoronou. Só restava ele.

Matá-lo!

Sim, sua única chance de sair com vida daquele inferno seria liquidar o perigoso inimigo.

Mas onde se encontrava ele?

E os cavalos? Ora, o cavalo oferecia uma oportunidade de fuga. Conseguisse chegar até onde pastavam...

Com a Winchester na mão, correu abaixado em direção ao animal. Por vezes parava junto a uma rocha. Tomava fólego, examinava os arredores. Necessitava ter muito cuidado.

Em tais paradas a dúvida atormentava-o. E

a vingança prometida? Deixaria em branco as mortes de Blood, de Mat, de Richard?

Correu alguns metros e parou atrás de outra rocha.

— Eles já estão mortos! A minha própria pele é que conta, agora. Preciso salvá-la.

Nova corrida, outras perguntas:

— Onde se enfiou aquele maldito Angel? Estará de tocaia? Por que não atira?

Aproximara-se bastante dos cavalos. Animais da salvação.

Agora não poderia falhar.

Colocou a Winchester no chão, tomou impulso, uma pequena corrida e pulou sobre o lombo do primeiro.

A ordem era galopar sem descanso.

* * *

Angel Face planejara aquela fuga.

Liquidara todo o pessoal da quadrilha. Lic ficara. O único com vida. Se o matasse, dificilmente alguém descobriria o lugar onde esconderam os saques.

Quando o bandido montou sobre o cavalo

e o chicoteou, o rapaz encontrava-se atento.

— Vamos, Salomon! Não podemos perdê-lo de vista, agora.

A paciência e o cuidado eram os fatores principais neste trabalho. Seguir sem ser visto.

Lic, contudo, não se interessava pelo produto dos outros saques. Tinha um único desejo: fugir, fugir para o México, para a parte mais longínqua do México.

Antes de entrar no desfiladeiro da Pedra Branca, teve a feliz idéia de olhar para trás. Gelou.

— Demônios! Aquele coiote ainda me persegue.

Procurou a Winchester para municiá-la. Onde a deixara? Ah, idiota! Ao montar, a pressa o fizera esquecê-la no chão.

Agora só poderia contar com seu revólver.

Parou o cavalo perto de uma grande pedra e correu.

Subiu escorregando, quase rastejando pela encosta de um pequeno monte. Parou num lugar que lhe oferecia visão total da entrada.

Quando apontar na boca do desfiladeiro, eu o encherei de chumbo!

O aventureiro, todavia, já desconfiava daquela manobra. Quase morrera num truque semelhante.

— Muito cuidado, Salomon. O lugar aí na frente é ideal para uma emboscada. Se ele nos viu à sua retaguarda, poderemos esperar confusão.

Chegando à entrada do desfiladeiro, não viu mais o cavalo de Lic.

— Calma, rapaz! Tem urso na trilha.

Nem bem terminara de falar com seu animal e um tiro estourou, raspando seu braço esquerdo.

Angel atirou-se no chão, protegendo-se.

Quando se levantou, já sacara o Colt e atirava, respondendo às balas que choviam.

Com apenas um revólver o pistoleiro atirava por um batalhão. O medo ajudava-o a recarregar a arma com incrível velocidade, auxiliava-o na pressão ao gatilho, mas atrapalhaxa na pontaria.

As balas ricocheteavam nas pedras, outras enterravam-se na poeira. Nenhuma se chocava contra o alvo.

Quando os estampidos diminuíram, Angel

colocou as mãos em concha ao lado da boca e gritou:

— Lic, entregue-se. Não quero matá-lo.

— Vá para o inferno! Vocês já liquidaram toda a quadrilha e ainda tem a coragem de afirmar que não pretende matar-me! Pensa que sou besta?

— Jogue seu revólver e entregue-se. Prometo-lhe que terá um julgamnto decente. Sua morte não me interessa. Já esgotei minha quota de fabricar defuntos por hoje. Não me obrigue a ultrapassá-la.

O bandido tornou a atirar por duas vezes. Depois parou.

Restava-lhe apenas uma bala.

Os tiroteios, a perseguição, o medo acabaram com sua munição sem que desse conta.

Aquela última bala não poderia pèrder-se. Sua deflagração teria forçosamente que significar a morte de Angel e a sua liberdade.

Um plano surgiu-lhe de imediato no cérebro.

Gritou a todo pulmão:

— Angel, está me ouvindo?

— Sim. Resolveu entregar-se?

— Qual é a sua intenção? Por que deseja pegar-me vivo?

— Quero saber onde esconderam os saques. O dinheiro tem que ser devolvido aos seus legítimos donos.

Aquilo era apenas uma parte da verdade. A outra, que não poderia contar ao bandido, era a possibilidade de ganhar mais alguns dólares ao restituir os roubos. Possivelmente um prêmio pela captura de Lic...

— Se lhe disser onde guardamos o botim você me dá sua palavra de pastor que não me perseguirá mais?

— Nada disso! Como saberei se falará a verdade? Só o deixarei desaparecer quando tiver o dinheiro nas mãos.

— Promete?

— Sim.

— Muito bem. Guarde seu revólver. Vou descer.

— Nada de truques, Lic. Venha com as mãos levantadas.

O bandido enfiou a arma na parte traseira do cinturão, de modo que seu próprio corpo

a escondesse. Ergueu os braços e começou a descer.

À menor oportunidade, sacaria e despacharia Angel para o inferno

Qual é o melhor lugar para se mandar um pastor de alma, senão para o inferno? Lá, segundo dizem, é o maior viveiro de pecadores, de espíritos necessitando de conforto. Então...

No meio das pedras soltas, a descida com as mãos levantadas tornava-se difícil. Os escorregões surgiam com freqüência.

Mas Lic tentava equilibar-se. Não provocaria a menor dúvida ao aventureiro quanto à honestidade de suas intenções. Além disso o Colt de Angel, sempre apontado para sua barriga, não o animava a tentar qualquer coisa precipitadamente.

A dois metros de distância, quase no fim da descida, fingiu um desequilíbrio mas violento. Jogou o corpo para frente e os braços para trás, demonstrando que procurava apenas manter-se em pé.

Angel só percebeu que era um truque tarde demais.

O bandido sacou o revólver rapidamente e disparou.

* * *

A bala reservada para o peito de Angel tomou rumo diferente e arrancou-lhe o revólver da mão.

Antes assim do que a perder, sem nada conseguir.

— Chacal! Cão traiçoeiro! — blasfemou Angel, tentando recuperar a arma que voara.

Aquele momento de revolta e de atenção voltada para o revólver lhe foi fatal.

Aproveitando a ocasião, Lic arremessou uma pedra de bom tamanho, com força, atingindo-o nas nas cadeiras. Não se recuperara do golpe, quando viu o facínora projetar-se para cima de si.

O impacto daquele corpo fez-se acompanhar pelo choque do punho contra seu braço.

Angel esparramou-se de costas na estrada, estonteado pela seqüência de surpresas que o aflito criminoso desencadeara.

Mas a coisa nem começara a esquentar.

Lic atirou-se por sobre ele, com as duas mãos, à procura de sua garganta. Não pareciam dedos que avançavam, mas sim as presas de um puma que, de uma hora para outra, resolvera abandonar o regime de dois meses.

Entretanto, antes de alcançar seu objetivo, recebeu o pé no peito e voltou pelo mesmo caminho, como uma bola.

O diabo era forte, resistente, treinado sob a disciplina rígida da cavalaria, entre as lutas de vida ou morte contra os índios e a lei.

Angel levantou-se. Queria meter-lhe um soco na cara, soco forte, de arrebentar os ossos do crânio, mas o adversário desviou-se para o lado e os nós dos dedos arrancaram fagulhas de sua orelha. Rodou como um pião.

— Satanás de uma figa! Agora lhe mostro!

Avançou de braços abertos, tentando prender o adversário numa chave mortífera e quebar-lhe os ossos.

Com um pulo Angel, meteu-lhe os dois pés no rosto, projetando-os uns três metros para trás. Sua cabeça chocou-se contra a quina de uma pedra. Desmoronou como uma casa ve-

lha. Partiu a cabeça e a pedra ao mesmo tempo.

O rapaz correu para auxiliá-lo.

— Lic, você está bem?

— Não, pastor... o meu fim chegou.

Revirou os olhos e gemeu:

— O produto do roubo está... está na bolsa... no cavalo de Blood...

— Não fale mais. Vou buscar a bolsa de remédios no meu cavalo.

— Não... não adianta... Por favor, reze por mim... por minha alma, reverendo...

Angel segurou suas mãos. Iniciou um trecho da Bíblia que era o mais oportuno para o momento.

— «A ovelha transviada que retorna, causará mais alegria ao Pai do que aquelas que ficaram, pois Ele não quer que se perca nenhuma delas».

Ao olhar novamente para Lic, viu que este morria com um sorriso nos lábios.

Angel afastou-se em trote lento, com Salomon não demonstrando a menor vontade de ir a parte alguma.

No desfiladeiro, um túmulo de pedras, uma cruz tosca.

* * *

Denver já mergulhava no crepúsculo, quando Angel retornou. Atrás de si, apenas um cadáver: Blood Joe.

— E o restante da quadrilha? — perguntou o xerife, ao recebê-lo na porta da delegacia.

— Enterrados na colina.

— Todos?

— Não fugiu nenhum. E também nenhum se entregou.

— Bem... Então podemos estar certos de que a quadrilha não se reorganizará.

— Por acaso o senhor tem alguma notícia de Danny? Sabe se os seus ferimentos o deixarão de molho por muito tempo?

Neste momento, segurando-se numa muleta, com a perna enfaixada, Danny Dinamite entrou na delegacia.

— Ei, seu coiote velho! — gritou Angel, sorrindo com o rosto inteiro. — Como se sente com a perna embrulhada desse jeito?

— Um pouco enrolado. Quais são os próximos planos, amigo?

Angel ergueu os braços, indeciso.

— Não sei.

— Que tal irmos ao deserto, faiscar ouro?

— Para ser franco, planejamos ficar um pouco em Denver, até sua perna melhorar.

Danny tentou cortar seu raciocínio, mas não teve tempo.

Angel virou-se para o xerife e perguntou:

— Não conheço muito bem esta cidade, xerife. O clima por aqui é bom para a saúde do meu amigo?

— Ora, Angel! Eu conheço o clima. Morei aqui durante alguns anos — explicou o amigo.

— Isso não quer dizer nada.

— Posso lhe garatir que o clima é excelente, pastor — afirmou o representante da lei. — Quando cheguei aqui, meus olhos mal se abriam, eu só chorava, dava um trabalho miserável, poisprecisava ser carregado de um lado para outro.

Angel assobiou. Quem visse o xerife, nem imaginaria que passara por tudo aquilo.

— É isso que o meu camaradinha precisa, xerife.

— Mas Angel...

— Nada de choramingar. Primeiro você se recupera e depois sairemos para novas façanhas por aí.

Antes de sair, voltou à carga, ainda assombrado:

— Diga-me uma coisa, xerife: há quanto tempo o senhor está em Denver?

— Eu nasci aqui.

FIM

Conheça o único fantasma do mundo que tem medo de gente.

PLUFT

O FANTASMINHA

Um clássico da literatura infantil, de MARIA CLARA MACHADO, maravilhosamente ilustrado por Anna Letycia.
Agora pelo Reembolso Postal. Apenas Cr$ 35,00.

A CEDIBRA — Rio de Janeiro — RJ
Caixa Postal 20.095 — CEP 20.000
Peço enviar-me .... exemplar(es) de:

Pluft, o Fantasminha

Nome: .....
Endereço: .....
CEP: ..... Cidade: ..... Est.: .....

Contundente! Espantoso! Emocionante!

MEMÓRIAS E CONFISSÕES ÍNTIMAS DE UM PECADOR JUSTIFICADO

Um livro que mostra a que extremos o fanatismo religioso pode conduzir! Uma obra-prima de James Hogg, o autor maldito da literatura inglesa!
Agora pelo Reembolso Postal. Apenas Cr$ 50,00.

À CEDIBRA — Rio de Janeiro — RJ
Caixa Postal 20.095 — CEP 20.000
Peço enviar-me .... exemplar(es) de:
Memórias e Confissões Íntimas de um Pecador Justificado

Nome: .....
Endereço: .....
CEP: ..... Cidade: ..... Est.: ....

EMILE ZOLA

O gênio da literatura francesa que fez dos operários seus personagens e da opressão seu tema!

Germinal

Um livro dramático sobre as greves nas minas de carvão da França.

GERMINAL

Agora ao seu alcance pelo Reembolso Postal por apenas Cr$ 60,00.

À CEDIBRA — Rio de Janeiro — RJ
Caixa Postal 20.095 — CEP 20.000
Peço enviar-me .... exemplar(es) de:

Germinal

Nome: .....
Endereço: .....
CEP: ..... Cidade: ..... Est.: .....

A HISTÓRIA DA LUFTWAFFE

Toda a violência dos combates aéreos da II Guerra Mundial narrados por Cajus Bekker, o maior especialista no assunto!

A HISTÓRIA DA LUFTWAFFE

Um livro que conta tudo sobre a temível aviação de combate alemã, agora a seu dispor pelo Reembolso Postal. Apenas Cr$ 70,00.

À CEDIBRA — Rio de Janeiro — RJ
Caixa Postal 20.095 — CEP 20.000
Peço enviar-me .... exemplar(es) de:

A História da Lutfwaffe

Nome: .....
Endereço: .....
CEP: ..... Cidade: ..... Est.: .....

CONHEÇA O MUNDO FANTÁSTICO DE

Philemon

A série em quadrinhos mais inventiva dos últimos tempos! Um sucesso absoluto na França que agora chega ao Brasil! Apresentação luxuosa, a cores.

Apenas Cr$35,00

Um lançamento

cedibra

Peça pelo Reembolso Postal à Cedibra Caixa Postal 20.095-20.000 Rio de Janeiro-RJ